

A CASA DE DETENÇÃO DE SÃO PAULO

Eu Estive Lá!

Tania V. Penna Olini

A CASA DE DETENÇÃO DE SÃO PAULO

Eu Estive Lá!

Tania V. Penna Oliani

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliani, Tania V. Penna

A casa de detenção de São Paulo : eu estive lá! /
Tania V. Penna Oliani ; organização Tania Valéria
Penna Oliani. -- 1. ed. -- São Paulo : Ed. da Autora,
2020.

Bibliografia

ISBN 978-65-00060-05-8

1. Casa de Detenção (São Paulo) - História
2. Prisioneiros - Psicologia 3. Prisioneiros -
Psicologia - Brasil 4. Prisioneiros - Reabilitação
5. Prisões - São Paulo (Estado) - Aspectos sociais
6. Registros psiquiátricos 7. Sistema penitenciário
8. Trabalho voluntário - Brasil I. Título.

20-40653

CDD-365.98161

Índices para catálogo sistemático:

1. Casa de Detenção do Estado de São Paulo :
Psicologia : História 365.98161

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

1ª Edição – Julho de 2020

Revisão Ortográfica – Autora

Diagramação – Autora

Fotos da Capa – Acervo da Autora

PREFÁCIO

Decidi ser Psicóloga aos 12 anos de idade. Enquanto muitos adolescentes sofrem pressões pessoais e familiares na fase de decisão sobre as suas futuras profissões, eu já tinha meu futuro traçado: faria Psicologia Clínica e um dia, teria meu próprio consultório. Simples assim! Nem Medicina, nem Odontologia, nem Biomédicas, nem Nutrição, nem Enfermagem: o meu foco era a Psicologia Clínica. Lia tudo o que encontrava nas bibliotecas e nas bancas de jornais que me fosse interessante sobre o tema (naquela época não havia internet), talvez materiais simples, os quais eu pudesse entender devido à minha tenra idade. As leituras me eram apaixonantes! Achava o máximo! Adorava quando podia ler um caso, uma história real, as descrições de sintomas, etc., mas mal sabia eu que as minhas futuras experiências iriam me mostrar caminhos totalmente diferentes e que o trabalho em presídios era absolutamente diverso e inusitado. Não passava nem perto daquilo que eu idealizava!

Entrei na universidade aos 17 anos, não fiz cursinho, não queria perder tempo e queria terminar os cinco anos de curso com 22 anos, assim poderia começar a trabalhar logo na minha profissão. Eu tinha pressa! Tinha uma meta diretamente posicionada no consultório dos meus sonhos, lá adiante, cinco anos à frente.

O que eu não sabia é que a vida não é uma reta absoluta e que as experiências que estavam para acontecer me mostrariam e me ofereceriam desvios e

outras opções. O caminho natural que se desenhava era prestar concurso público e ser Psicóloga em Presídio. Só que não. Segui meu sonho, que era o consultório, mas antes precisei trilhar um longo caminho para decidir o que eu realmente queria dentro da minha profissão! Minhas vivências dentro dos presídios, a Casa de Detenção de São Paulo e a Penitenciária do Estado de São Paulo, foram cruciais nas minhas decisões. É sobre minhas vivências pessoais e profissionais que escrevo este livro que é, acima de tudo, o testemunho do crescimento e do desenvolvimento pessoal de uma jovem que ao longo do seu Curso de Psicologia conheceu e conviveu com pessoas segregadas, as que estavam cumprindo penas e as que trabalhavam no presídio, formando a realidade do maior presídio fechado do mundo nos anos 70.

TANIA VALÉRIA PENNA OLIANI

SUMÁRIO

1 – O Desafio	19
2 – O Parque	21
3 – As Primeiras Lembranças	23
4 – O Grupo	26
5 – O Coronel	28
6 – O Presídio	36
7 – O Fundão	48
8 – A Hora do Almoço	67
9 – Os Eventos	73
10 – Os Artigos 157, 171 e 281 à Época	77
11 – O Seguro, A Isolada e o Setor Psiquiátrico	84
12 – O Dia de Visita	87
13 – Religião	89

13 – Religião	90
14 – Os Diferentes	92
15 – A Muralha.....	94
16 – O Dinheiro	96
Epílogo	97
Notas Finais.....	105
Bibliografia	109
Documentários.....	111

***Gostaria de agradecer às minhas queridas
amigas Ivete, Marta e Sílvia pela confiança no
meu trabalho. Amizade eterna!***

***Aos meus pais, marido e filhos pela
compreensão de me verem dias e dias
trabalhando neste projeto. Eles sabem de sua
importância para mim.***

***Um agradecimento especial ao Jornalista
Renato Lombardi.***

1 – O Desafio

Meu rumo começou a mudar no início de 1976, no 2º ano da faculdade, a partir do momento que o professor de Psicologia Social (*Professor Antonio da Costa Ciampa*) solicitou um trabalho que deveria ser feito em alguma instituição fechada. Poderia ser qualquer uma. Burburinho na classe, perguntas, sugestões, ideias surgindo. Deveríamos trabalhar em grupo. Uma vez formados os grupos, começaram as discussões sobre o que iríamos fazer, isto é, qual instituição iríamos escolher para estudar. Muitas instituições foram citadas entre os grupos formados na classe. O meu grupo, formado inicialmente por seis moças, resolveu de comum acordo fazer um trabalho sobre a **Casa de Detenção de São Paulo** e, para realizá-lo, deveria ser feito **dentro** do presídio (duas componentes do grupo desistiram – ficamos só em quatro no grupo). A nossa escolha causou certa dúvida no professor, porque o presídio era masculino - nós éramos moças de classe média dos 17 aos 23 anos! Entretanto, com a vivacidade e o otimismo que nos eram peculiares e aos jovens em geral, convencemos o professor de que conseguiríamos um jeito de entrar no presídio. Não sei se ele acreditou que entrar no presídio daria certo para nós, mas ele escreveu uma carta nos apresentando ao Secretário da Segurança Pública e foi com ela e só com ela que fomos à busca do nosso objetivo. Entretanto, nenhuma de nós tinha a consciência do que significava a entrada de quatro moças num presídio masculino, pois à época, o mesmo não permitia visita íntima.

Nós visitamos o presídio pela primeira vez em plena ditadura, em 1976, completamente inexperientes na vida, nos conhecimentos e nas relações sociais. Foi lá que terminamos nosso **TCC ("A Mutilação do Eu No Presídio")** cinco anos depois, com a mente já voltada aos grandes problemas da sociedade, com uma vida inteira a viver e uma profissão a desenvolver, num processo de abertura política e com suas consequentes mudanças, no início de 1980.

2 – O Parque

Maio de 2020. Quarentena pelo COVID-19. Quarenta e quatro anos depois, estou na Av Cruzeiro do Sul, em frente ao **Parque da Juventude D. Paulo Evaristo Arns**, no Complexo Penitenciário do Carandiru. A **Casa de Detenção de São Paulo** já não existe mais, foi evacuada, desativada e parcialmente demolida no dia 09 de dezembro de 2002, após muitos anos de funcionamento e rebeliões sangrentas. Primeiramente os pavilhões 6, 8 e 9 foram implodidos. Os demais pavilhões, 4, 5 e 7 seriam reformados e transformados em Centro de Estudos Tecnológicos e Culturais, porém o Governo do Estado de São Paulo determinou que os pavilhões 2 e 5 também fossem implodidos em 2005, permanecendo no local apenas os pavilhões 4 e 7, que foram reformados e transformados em Escola Técnica (ETEC). Hoje, no lugar do presídio, foi criado o Parque da Juventude D. Evaristo Arns, com suas árvores, pássaros, quadras esportivas, ETEC, Biblioteca de São Paulo e Museu Penitenciário. Poucas pessoas sabem, mas dentro do Complexo Penitenciário do Carandiru havia um trecho de Mata Atlântica intocado, o qual foi incorporado ao parque. Seus frequentadores são crianças, adolescentes, adultos e idosos. Talvez ignorem o que significa esse espaço! Algumas pessoas dizem que agora é melhor esquecer que este foi um lugar de violência. Talvez estejam certas!

O barulho da rua é muito grande. Como sempre houve, na Avenida Cruzeiro do Sul há muito tráfego. Meu coração está acelerado. Quase não reconheço o

local. Vejo ao longe os pavilhões preservados reformados e muito diferentes em meio às árvores. Já não há muralha, Policiais Militares com metralhadoras empunhadas, o recinto da Polícia Militar, o portão de grades verdes e o portão de chapas de ferro. Onde antes pulsavam milhares de corações, onde outrora havia muitas histórias de ódio, vingança, crimes, corrupção, dos de dentro e dos de fora das grades, onde havia um imenso barril de pólvora pronto a explodir, havia agora um imenso vazio. O local que conhecia tão bem agora não existe mais fisicamente. Mas minha mente, deixo-a divagar como num filme que retrocede quadro a quadro... e os sons de portões, fechaduras, dobradiças, chaves, vozes e imagens de pessoas com as quais convivi, o movimento, os cheiros, recheiam minhas lembranças e me invadem, deixando-me ansiosa. Meus sentimentos são conflitantes. Quero ir em frente e ao mesmo tempo não quero. Não fui. Ela não está mais lá.

Por mais contraditórios que possam ser, os meus sentimentos não são de repúdio. São pura nostalgia! O passado na Casa de Detenção, que tinha tudo para ser desagradável, não o foi. Tenho ótimas lembranças! Claro, há aquelas que preferia esquecer também, mas encaro tudo isso como algo que contribuiu para o meu crescimento como pessoa e como profissional.

3 – As Primeiras Lembranças

Não, a Casa de Detenção não era um lugar de santinhos, inocentes ou coitados! Via de regra, os detentos que lá existiam haviam cometido crimes e estavam cumprindo suas penas, acertando as contas com a sociedade. Disso, nunca esqueci. Eram aproximadamente 7.000 homens, de todas as raças, credos e origens, formando uma miscigenação peculiar e inédita.

A Casa de Detenção era um local muito feio, mal cheiroso, como a maioria dos presídios, úmido, mal ventilado, lotado e sujo! A mobília dos recintos era feia, velha, caindo aos pedaços. Algumas paredes eram decoradas pelos detentos, tais como pinturas de Natal, Páscoa, santos e símbolos de várias religiões, figuras de gibis, emblemas de times de futebol, principalmente do Corinthians e uma frase à entrada de um pavilhão que dizia: "Visitantes, sejam bem-vindos". Todos os desenhos eram velhos e apagados em meio às paredes úmidas e castigadas pelo tempo e pelos maus tratos. Havia uma energia negativa, nefasta, que se refletia nos rostos de todos: dos detentos e dos funcionários. Quanto ao cheiro, meu Deus! Que cheiro! Ovo podre com creolina, suor e esgoto ou algo assim. Inesquecível! Tanto que certa vez, depois de muitos anos sem entrar num presídio, furtaram meu carro durante uma final entre Corinthians e Palmeiras e, ao entrar num Distrito Policial para fazer o Boletim de Ocorrência, senti o mesmo cheiro de cadeia. Imediatamente pensei: ____ "*Aqui tem gente presa!*" Fiquei sabendo que estava certa na hora do gol do

Corinthians, porque tantos homens gritaram, que não ficou nenhuma dúvida! Havia presos naquela delegacia e muitos! A memória olfativa é muito precisa e nos leva longe!

No início do estágio, o impacto do local certamente me tocou, principalmente porque os detentos achavam que meu grupo era formado por policiais, investigadoras ou advogadas. Não falavam quase nada perto de nós, nos evitavam ou pensavam muito bem no que e como falavam. Só que nossa alegria era contagiante, modéstia à parte! Nossa inexperiência também! Com o tempo, mesmo num local carrancudo, feio, fedido, cheio de criminosos, ouviam-se gargalhadas! Detentos e funcionários disputavam uma chance para chegarem até onde estava o nosso grupo. Os detentos passaram a confiar e a esperar ansiosamente pela nossa presença, porque falávamos com todos eles do mesmo jeito, de um simples batedor de carteira até um frio e sanguinário esquartejador! Conversávamos com todos de igual para igual... mas conhecíamos os seus prontuários e sabíamos sobre seus crimes, suas penas e qual ou quais os artigos do Código Penal haviam infringido. Conversei com um detento que havia esquartejado a namorada – tinha ótima aparência, cabelos loiros, olhos verdes, uniforme de preso impecável, usava cinto, sapatos brilhando (normalmente os detentos comuns se apresentavam usando bermudas, camiseta e chinelos de dedo em seus xadrezes). Falava muito bem, tinha uma lábia que poderia convencer sobre sua inocência até Jesus Cristo! Casou-se, depois de preso, com sua advogada. Lá, as aparências podiam enganar... E muito! Mas acredito que instintivamente adquiri certas defesas, porque

também sabia o que dizer e o que não dizer, o que fazer e o que não fazer! Não tive qualquer preparação ou estudo para lidar com os detentos e funcionários! O fato de meu grupo constituir-se de quatro moças, certamente os encantou (funcionários e detentos). E tínhamos consciência disso e de fato era um ponto a nosso favor. Nunca passamos pela revista, tínhamos funcionários à nossa disposição, sempre fomos bem recebidas. Tínhamos todo o apoio do Diretor (Coronel Fernão Guedes de Souza), dos Diretores dos Pavilhões, dos Chefes e Subchefes de Disciplina e dos Guardas de Presídio.

Muitas pessoas me perguntavam se os detentos nos assediavam ou nos faltavam com o respeito. Posso dizer de boca cheia que nunca houve qualquer episódio ou palavra desagradável por parte de um detento. Entretanto, ouvi uma frase chula, vergonhosa, mesmo, de um major de farda, medalhas, quepe e cabelos brancos, justamente quem estava nos acompanhando para fazer a guarda! Eu não vou escrever o que ele me disse, mas perguntei a ele se ele diria aquilo para sua filha! Ele se calou e abaixou a cabeça, certamente pensando na besteira que tinha feito.

4 – O Grupo

Quero apresentar minhas colegas do grupo que se manteve fixo após algumas visitas ao presídio: ***Psicóloga Marta Morgado Pereira Valente, Psicóloga Sílvia Regina Augusto de Matos e Psicóloga Ivete Barão de Azevedo Halásc.***

Marta, Sílvia e eu éramos solteiras. A Ivete já era casada. Todas muito jovens e com muita alegria de viver. O presídio não nos assustava. Tínhamos, sim, muita curiosidade, muita expectativa e as vontades de fazer um bom trabalho e de aprender. Na verdade, quando decidimos nosso trabalho, não tínhamos consciência de que a Casa de Detenção de São Paulo era o maior presídio fechado do mundo, nem que abrigava 7.000 homens. Não sabíamos o que significava essa superpopulação encarcerada, nem o que se passava lá dentro. Foi a partir do momento que obtivemos a licença do Coronel Guedes que fomos à busca de bibliografia especializada. Começava, então, uma sequência de vivências que mudaria nosso modo de pensar, nosso modo de vida e o que queríamos para as nossas carreiras. Cada uma do grupo com a sua percepção e com os seus próprios sentimentos.

Tentamos fazer um livro em grupo sobre a Casa de Detenção de São Paulo há vinte anos, chegamos a nos reunir algumas vezes, mas não conseguimos obter um comum acordo sobre qual linha devíamos seguir.

Hoje, quarenta e quatro anos depois, tudo está muito vivo em minha mente! O tempo passou, cada uma ficou no seu mundo, mas, pelo menos para mim, o

desejo de escrever um livro sobre a Casa de Detenção de São Paulo era muito forte.

Recentemente resolvi pedir licença à Marta, à Sílvia e à Ivete para escrever este livro sozinha, bem como para usar material de nosso TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), feito na Casa de Detenção de São Paulo, chamado, como já mencionei antes **"A Mutilação Do Eu No Presídio"**. Eu queria falar das minhas próprias memórias, das minhas experiências, das minhas sensações, assuntos muito pessoais para falar em nome de um grupo, apesar de estarmos juntas durante todo o tempo que passamos estagiando e estudando. Elas me entenderam, deram-me carta branca para ir em frente e para seguir a minha intuição.

Vários autores transformaram suas experiências na Casa de Detenção em livros. A diferença deste é que as experiências que vou relatar ocorreram nos anos 70, em plena ditadura. Na nossa época, a tuberculose e a sífilis eram as doenças campeãs no presídio. Ainda não havia AIDS. O estágio acabou durando cinco anos, pois todos os trabalhos que tínhamos que fazer, e em todas as matérias da faculdade, o grupo dava um jeitinho de fazê-los com a população carcerária, pois não queríamos deixar de voltar ao presídio.

Gostávamos de ir para lá. Encarávamos como uma diversão, por incrível que pareça! Onde quer que estivéssemos no presídio, havia muita conversa e muitas risadas! Um paradoxo, não é?

5 – O Coronel

Para fazermos nosso trabalho, precisávamos entrar na Casa de Detenção de São Paulo. A nossa classe toda parecia duvidar que conseguiríamos. Acho que até o professor duvidou, também, inicialmente. Pensamos e conversamos muito numa estratégia... Alguém que nos apresentasse: será que alguém conhecia um militar influente que pudesse fazer isso? Nas nossas realidades de vida não havia militares. Aliás, naquela época, em 1976, era muito comum às pessoas ter medo de militares, pois estávamos em plena ditadura. Tínhamos que pensar muito bem no que poderíamos falar sem sofremos consequências, não se podia criticar o governo, nem exprimir opiniões sobre assuntos governamentais, pois o governo era composto de cargos ocupados por militares. Artistas, políticos e intelectuais haviam sido exilados, jornalistas estavam presos, muitas das pessoas que haviam sido apanhadas tinham sido torturadas. Durante o governo do General Ernesto Geisel, *"em seu discurso de posse, em 15 de janeiro de 1974 afirmou que a redemocratização seria um processo lento, gradual e seguro"...* *"Houve os assassinatos do jornalista Vladimir Herzog e do operário Manoel Fiel Filho em São Paulo, entre o final de 1975 e o início de 1976, o que mostrou à sociedade um panorama obscuro e cruel da situação política no Brasil"* (Wikipédia).

*Estávamos sob a vigência do **AI-5**:*

"O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do General Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura

militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados” **(extraído do site da FGV CPDOC).**

“Até o início da ditadura em 1964, não havia muitas penitenciárias e o principal uso destas era para a privação de liberdade. Durante o período ditatorial, as prisões também passaram a ser utilizadas como locais de tortura contra opositores políticos. Embora presente em períodos anteriores, o uso da tortura de forma sistemática, cotidiana, e sob patrocínio do governo, é uma marca da ditadura”. **(Década de 70 - Portal da Câmara dos Deputados).**

Quem se colocava em oposição ao regime podia ser perseguido e encarcerado, pois podia ser considerado subversivo. A ordem era eliminar opositores ao regime. Nesta época, surgiu o Esquadrão da Morte, formado por um grupo de policiais civis que torturava e executava presos políticos. Há evidências de que as mortes e desaparecimentos de pessoas também ocorriam com presos comuns. Alguns eram tirados dos presídios para serem executados e em seguida eram abandonados em locais ermos e valas comuns. Portanto, a ditadura também foi um período complicado para o Sistema Penitenciário.

O governo Médici baixou um decreto-lei que estabelecia a censura a livros, jornais, revistas, peças de teatro, filmes e músicas. Tudo o que desagradasse às autoridades governamentais era proibido. Foi durante esse governo que surgiram aqueles slogans:

"Brasil, ame-o ou deixe-o", "Ninguém segura este país", "País que vai para a frente", porque houve um crescimento extraordinário da economia, o Brasil foi tricampeão mundial no futebol, Emerson Fittipaldi venceu na Fórmula 1, etc. A propaganda oficial infundiu um clima de euforia e a massa da população aderiu ao "Brasil Grande" apregoado pelos militares. Os primeiros cinco anos foram de prosperidade sob o slogan de "milagre brasileiro", mas depois, a economia entrou em crise com a alta dos juros internacionais e do preço do petróleo. *"A década se aproximou do fim com o ressurgimento dos movimentos sociais e se fechou com o início de redemocratização".* **(Portal da Câmara dos Deputados)**

Foi neste cenário linha-dura das Forças Armadas que aprendemos a temer militares, a medir muito bem as palavras e a evitar qualquer aproximação ou problema com eles.

Nosso professor escreveu uma carta ao Secretário da Segurança Pública nos apresentando e mencionando nosso desejo de fazer um trabalho sobre o presídio. Era a única chance que tínhamos.

O primeiro passo seria conseguir uma audiência com o Secretário da Segurança Pública. Fomos à Secretaria morrendo de medo! Sabe-se lá o que ele podia falar ou pensar, diziam os nossos temores mais íntimos! Mesmo temendo, nos dirigimos ao Bairro de Higienópolis, onde se situava o antigo casarão da Secretaria de Segurança Pública. Para nossa surpresa, deixaram-nos estacionar e entrar no casarão vigiado, sem qualquer impedimento. Mostramos a carta do professor ao soldado que nos atendeu e explicamos as razões que nos faziam estar lá. Estávamos tremendo,

muito nervosas. Pensamos que seria um processo demorado, que alguém iria marcar um horário para termos uma audiência com o Secretário. Mas para nossa surpresa, o soldado nos levou diretamente a ele.

Um militar vestindo uma farda azul-marinho cheia de condecorações, medalhas com fitinhas coloridas e botas nos foi apresentado, quando ele estava no seu gabinete, no antigo casarão. Era ele, o Secretário da Segurança Pública! Ficamos perplexas! Conseguimos! E tinha sido fácil!

O grupo me “empurrou” para frente e “sobrou” para mim a tarefa de falar com o Secretário. Falei a ele sobre nosso desejo de conhecer e fazer um trabalho sobre a Casa de Detenção de São Paulo (e se ele nos permitiria tal façanha). Para nossa surpresa, muito educadamente, ele prontamente fez um cartão de recomendação ao Coronel Fernão Guedes de Souza, diretor Geral da Casa de Detenção à época, para que nos recebesse. Saímos felizes, ainda não acreditando na facilidade com a qual contamos nesta primeira fase, o que nos rendeu muitas risadas e piadas. Aliás, nosso grupo era muito falante, animado e atuante. Éramos muito entrosadas, amigas e cooperativas! Não havia silêncio onde nós estávamos! Sempre rindo, fazendo piadas, contando casos, trocando ideias.

Pegamos o cartão que o Secretário da Segurança Pública nos havia entregado e imediatamente fomos em direção ao presídio. Já passava das 16h00min, mas resolvemos continuar nossa saga. Durante o caminho, dentro do carro, ríamos muito ao lembrarmos como havia sido fácil chegar ao Secretário da Segurança Pública de São Paulo! Além disso, começávamos a formar um perfil imaginário: como seria o Coronel

Guedes? Suas medalhas, seu uniforme, seu porte..., enfim, pintamos um coronel nas nossas fantasias à semelhança do Secretário da Segurança Pública.

A Casa de Detenção de São Paulo situava-se na Avenida Cruzeiro do Sul, defronte à estação Carandiru do Metrô, no bairro de Santana, num complexo que englobava a própria Casa de Detenção, a Penitenciária Masculina e a Penitenciária Feminina. (Tempos depois, a Penitenciária Masculina foi transformada na Penitenciária Feminina). Era e ainda é um local difícil para se estacionar. Trata-se de um quadrilátero enorme. O único local onde poderíamos estacionar nossos dois automóveis era o estacionamento da própria Casa de Detenção, que era fechado por um portão simples. Havia um homem controlando a entrada dos automóveis. Será que ele nos abriria o portão? Abriu. Será que nos deixariam estacionar? Estacionamos. Munidas do cartão de apresentação ao Coronel Guedes, nos perguntamos: __ "Será que no segundo portão (*aliás, um enorme portão de chapas de ferro pintado de verde*) nos deixariam passar"? Deixaram! Tínhamos na cabeça o Coronel Guedes. Como será o Coronel Guedes? Outro homem fardado, cheio de medalhas, condecorações, quepe, cercado de outros militares, num ambiente carrancudo e amedrontador? Após passarmos a pé pelo enorme portão de ferro verde, via-se à frente, mas perto, outro portão tão grande quanto o primeiro, só que este era de barras de ferro que deixavam ver o que estava à frente (e mais um homem tomando conta da sua abertura e fechamento). Quando o portão da frente abria, o outro estava fechado e vice-versa. À esquerda de quem entrava, um umbral dava caminho para uma

escadaria ao que depois soubemos ser o setor da Administração. Um homem nos levou à Diretoria (eu com o cartão na mão), um salão grande no 1º andar, lotado de homens de terno sentados em poltronas distribuídas como se fossem vários ambientes, uma grande sala de visitas e, paralela à uma parede, uma escrivaninha antiga, grande, de madeira escura e entalhada. Sentado atrás dela, havia um homem com orelhas grandes, bolsas nos olhos e o olhar enviesado. Vestia um conjunto safári cáqui. Repleta de medo, eu lhe disse de longe: ____ "Estamos procurando o Coronel Guedes!" Fez-se silêncio na sala. Todos os presentes pararam de conversar e olharam para mim. E o homem de conjunto cáqui disse: ____ "Venham aqui!" – e nós fomos ao seu encontro. Perto dele, eu lhe disse de novo: ____ "Procuramos o Coronel Guedes, temos um cartão do Secretário da Segurança Pública!" ____ E ele disse: ____ "Sou eu!" – e se fez silêncio absoluto na sala outra vez. O nosso grupo todo se entreolhou... e a farda? E as medalhas? E as condecorações? E as botas? Apenas um safári cáqui? O Coronel percebeu nossas expressões de espanto e disse: ____ "Eu não tenho cara de Coronel?" Pronto... Aquele foi o gatilho para começarmos a rir muito, de nervoso, da cara de pau, da sorte, mas rindo muito mesmo! Todos os presentes riram! O Coronel não entendeu nada! Diante da situação, ele perguntou por que estávamos rindo. Contamos a ele nossas fantasias sobre ele de farda cheia de medalhas e condecorações, bota e quepe. Todo mundo na sala começou a rir de novo! Até o próprio Coronel! Todos davam gargalhadas pensando na grande gafe que havíamos cometido! Foi uma cena digna de filme! A partir daí, já viramos "velhas amigas"

do Coronel. Apresentamos o cartão do Secretário a ele e ele nos disse: ____ “Não precisava nada disso, era só terem vindo aqui!” Ah, se soubéssemos disso antes!

Ele nos tratou muito bem e disse que nós poderíamos entrar no presídio a hora que quiséssemos! Não podíamos acreditar! Conseguimos abrir nosso caminho para fazermos nosso trabalho! Não houve nenhum obstáculo intransponível. Aquele era nosso dia! Tudo tinha dado certo!

O Coronel Guedes não pediu documentos, apenas tentou saber um pouco sobre nossos objetivos quanto ao nosso trabalho e pronto! Missão cumprida! Os primeiros obstáculos já não existiam mais... Nem um Coronel cheio de medalhas! Não preciso nem dizer como esse episódio rendeu! Rimos muito para variar! Marcamos um dia com o Coronel Guedes para voltarmos e saímos comemorando.

No dia seguinte, na faculdade, contamos nossas proezas ao nosso professor, que quase não acreditava na nossa cara de pau. Faltava, agora, direcionar o trabalho e defini-lo, pois envolveria pesquisa e estatísticas, começando no início do ano e devendo ser entregue em novembro para avaliação final do professor (com apresentação à classe). Àquela época não havia computadores com Power Point ou qualquer outro recurso áudio visual. Tinha que ser nas palavras escritas e faladas mesmo! Resolvemos que nossas primeiras ações se constituíam em conhecer o presídio antes de qualquer outra ação. Abria-se um novo mundo, uma cidade-presídio que vimos tantas vezes na TV, ao passarmos de metrô ou de carro e que pela primeira vez nos demos conta de que ela sempre esteve lá! Como seria lá dentro? Como seriam os

detentos? O que nos esperava? A diferença naquele momento era que em breve não mais passaríamos à sua frente indiferentes! Sim, agora era realidade, nós entraríamos no presídio!

6 – O Presídio

A Casa de Detenção de São Paulo localizava-se no **Complexo Penitenciário do Carandiru**, na região do Carandiru, assim chamada porque o córrego Carandiru banhava a histórica fazenda de Sant'Ana (que originou a maioria dos bairros da zona norte de São Paulo). Parte do Carandiru situa-se no distrito de Vila Guilherme e parte no distrito de Santana, São Paulo, Estado de São Paulo.

A Penitenciária do Estado de São Paulo começou a ser construída em 1911 e ficou pronta 9 anos depois, em 20 de abril de 1920. Foi considerada um presídio-modelo durante 20 anos (até 1940), sendo que o local recebia visitas de turistas e pessoas influentes em suas dependências para admirarem sua arquitetura e os trabalhos de reabilitação feitos com os presos, que se constituíam num total de 1.200 homens.

Entretanto, em 1940, ao atingir seu limite máximo de presos, a Penitenciária de São Paulo começou a passar por sucessivas crises e grandes problemas. Sendo assim, para elevar a capacidade de vagas para presos é que foi inaugurada a Casa de Detenção de São Paulo em 11 de setembro de 1956. Inicialmente foram construídos três pavilhões. Na década de 1960, foram inaugurados mais três. Na década de 70, mais dois.

Na época em que conheci o presídio, já estava muito deteriorado. Aparentemente a fachada, a Administração, a entrada do Pavilhão 2, os corredores que levavam à copa da Diretoria no Pavilhão 2 mais a própria copa, onde caminhavam e permaneciam o Coronel Guedes e autoridades durante o horário de

almoço, tinham suas paredes pintadas de bege escuro. O restante do presídio sofria o desgaste do tempo, com exceção aos pavilhões 4 e 7 que foram inaugurados em 1978.

A Casa de Detenção de São Paulo não era um presídio igual aos outros. Foi concebido para abrigar presos com situação jurídica ainda não definida pela justiça, portanto não foi construído nos padrões do Regime Fechado. Apesar de muitos portões a se atravessar e diversas passagens entre os Pavilhões com carcereiros portando enormes chaves nas mãos, não havia tantas grades. O trânsito de pessoas dentro dos pavilhões era livre. Só havia os portões que dividiam as passagens entre os Pavilhões, impedindo a passagem dos detentos. A nossa passagem sempre foi livre, tínhamos acesso para onde precisássemos ir, isto é, em termos simples, poderíamos ir até onde sempre íamos, ou “onde nos deixavam explorar”.

Na primeira visita do nosso grupo ao presídio, foram designados dois funcionários para nos mostrarem o local. Nós não sabíamos, mas havia um roteiro informal criado para visitantes. Vimos alguns xadrezes (lá não se chamavam de cela) para dois, quatro, seis, quinze ou mais pessoas. Todos eram exemplares na limpeza e na arrumação. Entenda-se a palavra “arrumação” transportada para uma cadeia: camas junto ao teto para deixarem o espaço de baixo livre, beliches cercados por lençóis para manterem um pouco de privacidade, objetos diferentes dispostos em prateleiras improvisadas, pedaços de tecido simulando cortinas nas janelas, TVs, ventiladores e espiriteiras improvisadas, muitos “gatos” na eletricidade expostos, tecidos cobrindo a região do banheiro, que

normalmente não tinha vaso sanitário (havia um buraco no chão de cimento, uma torneira para lavar os dejetos e um cano de água fria no alto que servia como chuveiro). Os detentos que estavam tendo visitantes nos seus xadrezes já esperavam a expressão de admiração das visitantes.

Um xadrez que nos foi mostrado era de um só detento. A cama ficava num local junto ao teto, permitindo que se formasse em baixo uma sala muito agradável. O chão era forrado de carpete, as paredes cobertas com papel de parede, havendo almofadões de veludo formando um grande sofá de canto, com encostos e assentos, pendente de luz ao centro, objetos de decoração diversos, tais como vasos cheios de plantas artificiais, quadros e tecidos indianos com mandalas e franjas.

Conhecemos um grande galpão no Pavilhão 6, o OCCP (Órgão Central de Controle dos Patronatos), onde os detentos trabalhavam a partir de materiais fornecidos por grandes empresas privadas, fazendo centralização de rodas de bicicletas, pregadores de roupas, jogos de brinquedo, bolas de futebol em couro feitas à mão, tampas de plástico entre outros objetos. Cada dia de trabalho àquela época eliminava três dias da pena. Além disso, o trabalho rendia ao detento um valor mensal que lhe era depositado e revertido aos seus interesses, inclusive às suas famílias. O dinheiro não podia circular no presídio e era depositado num fundo destinado aos detentos. Dizia a regra que se algum detento fosse apanhado manuseando ou portando dinheiro, era castigado e levado à cela-forte (será descrita posteriormente). Veremos mais adiante

que as coisas não funcionavam exatamente desta forma.

No OCCP também estavam situados o Arquivo Vivo e o Arquivo Morto. No Arquivo Vivo, no térreo do OCCP, estavam depositados em grandes prateleiras os prontuários de todos os detentos que habitavam a instituição. Lá eram feitos os prontuários dos detentos que entravam no presídio. Neles, tudo o que se passava com o detento era anotado, tanto no aspecto jurídico, quanto no que se referia aos castigos que recebia, as faltas que havia cometido, os comunicados dos Chefes de Disciplina, as anotações referentes ao andamento dos processos, etc. Normalmente os prontuários eram consultados em casos de dúvidas, transferências, mudanças de regime fechado para semiaberto ou liberdade.

Quando os detentos saíam do presídio, os prontuários eram encaminhados ao Arquivo Morto (antes se situava no Pavilhão 9, numa sala ampla e muito limpa, cujo chão brilhava, de tão encerado, onde os visitantes ficavam surpresos com tamanha organização). No novo local, o mezanino do OCCP, os prontuários foram distribuídos em prateleiras e no chão, em ordem cronológica. Pudemos conhecer e manusear os prontuários de detentos famosos, tais como os de José Bento Monteiro Lobato, o Bandido da Luz Vermelha, Adib Haddad (vendeu o Ibirapuera) e Gino Meneguetti. Também conhecemos o maior prontuário do mundo à época, cujo dono já tinha mais de 500 anos de pena. Havia, também, estatísticas feitas com grande esmero e zelo sobre a entrada e a saída de detentos e estatísticas sobre quantos detentos estavam condenados por determinados delitos. Era

muito comum que alguns detentos que haviam cumprido décadas de pena, ao serem libertados da Casa de Detenção, não tinham aonde ir, pois seus laços familiares e sociais já estavam deteriorados demais. Além disso, era muito difícil alguém dar um emprego a um ex-presidiário. Era voz corrente à época a história de um ex-presidiário que cometeu um crime só para voltar à Casa de Detenção, porque não tinha onde morar, não conseguiu trabalho, portanto, não podia custear suas despesas.

Segundo o Coronel Guedes o criador do OCCP, a grande finalidade do órgão era diminuir a ociosidade dos detentos, pois eles trabalhavam nestes locais, o que não onerava o Estado, criando oportunidades de ganho financeiro a eles e descobrindo talentos. (Anos mais tarde, o OCCP foi palco de uma rebelião e destruído por um incêndio).

Neste primeiro contato que tivemos com o presídio, conhecemos escolas (alfabetização e supletivo de 1º e 2º graus) barbearias, sapatarias, salas de pintura, biblioteca, lavanderia, almoxarifado, alfaiatarias, Instituto de Biotipologia, Setor de Fotografia, cozinha (naquela época não se serviam as “quentinhas”, os alimentos eram preparados no presídio), salas de revista para visitantes, sala dos Advogados, sala de Serviço de Datiloscopia (ainda não havia computadores para gravar as digitais dos detentos), Tenda de Umbanda, Assembleia de Deus e Igreja Católica, xadrezes exclusivos de detentos homossexuais (àquela época não havia alusão à atual sigla LGBTQIA+, pois todos os detentos que não se enquadrassem no protótipo masculino da instituição eram chamados de homossexuais). Como laborterapia, os detentos

poderiam pintar, participar da banda, do concurso de música, ler na biblioteca, participar dos torneios de xadrez e futebol e ir ao cinema. Não existia uma equipe de técnicos em Reabilitação.

Nós no início não sabíamos, mas o local onde o detento morava, bem como tudo o que seu xadrez possuía, era fruto de um jogo de privilégios, poder e dinheiro entre os detentos e os funcionários.

Ao anoitecer, chegava o “Bonde” à Casa de Detenção de São Paulo, repleto de presos transferidos e encaminhados pelo DEOPS, DEGRAN e DEIC. Eles desciam do camburão e eram conduzidos a uma sala ampla, onde os funcionários recolham seus pertences e os revistavam por completo. Todos eram obrigados a ficar nus, tomavam banho, vacinas, cortavam os cabelos, barbas e bigodes, para depois vestirem a calça bege, cor exclusiva dos detentos. Depois de passarem pela Assistência Judiciária para esclarecimentos burocráticos, os detentos eram enviados a um pátio interno, no Pavilhão 2, para ouvirem algumas palavras do Coronel Guedes, o Diretor Geral do Presídio, à luz dos holofotes. Palavras ditas para que todos as compreendessem bem, segundo o jornalista **Percival de Souza**, em seu livro de 1974, **“A Prisão”**. O discurso era o seguinte:

— “Vocês estão entrando numa cadeia. Isso aqui é um negócio sério! É preciso ter muito respeito, muita disciplina! Respeito com os companheiros, respeito com os funcionários! Nós estamos aqui para ajudar! Não interessa o que vocês fizeram lá fora! Quem for bom, nós botamos para fora! Quem quiser se entortar, nós acabamos de entortar! Quem não acreditar, que

experimente! Aqui todos são iguais! Estamos conversados!”

O Coronel fazia um gesto aos funcionários e estes conduziam os detentos aos recintos chamados “triagem”. Todo pavilhão tinha uma triagem, mas os novatos eram encaminhados às triagens dos Pavilhões 8 e 9, os mais perigosos. Os novatos, isto é, os primários, eram conduzidos ao Pavilhão 9. Os reincidentes, ao Pavilhão 8. A parte dos fundos destes dois Pavilhões, os presos chamavam de Fundão, local cujas fotos correram o mundo. São aquelas em que prédios de 5 andares tinham as janelas cheias de roupas penduradas e que são mostradas sempre que se fala na Casa de Detenção de São Paulo.

A triagem era um recinto fechado, sem vidros, com janelas recobertas com chapa metálica com furinhos para que o ar entrasse. Na triagem, não havia camas ou cadeiras. Os novatos dormiam e sentavam no chão de cimento. Até este momento, todos os novatos eram iguais, isto é, não possuíam nada. Ainda não havia privilégios para ninguém, porque só no dia seguinte iriam ter xadrezes designados para si, ou seja, cada um iria ter a sua cama em algum xadrez, juntamente com alguns veteranos da cadeia.

Na manhã seguinte, começava a distribuição dos novatos aos seus xadrezes (alguns os denominavam como “barracos”). Esta distribuição era relatada ao nosso grupo de maneira extraoficial, mas os relatos eram recorrentes. Os detentos diziam que os veteranos escolhiam os novatos que os agradavam e os compravam, sem exceção. A partir deste processo de compra e venda, verdadeiros negócios imobiliários aconteciam. Cada novato era destinado a um

determinado xadrez. Os detentos veteranos sempre tinham certos privilégios e os novatos tinham que se submeter aos seus gostos em várias situações. Ressalto aqui que muitos detentos frequentemente costumavam maximizar seus feitos ou seus sofrimentos para impressionarem as pessoas que os ouviam. Certamente não haveria para o nosso grupo uma forma de confirmar histórias de estupro e abusos. Vários detentos, e não foram poucos, narraram as mesmas histórias com algumas variações.

O que é certo é que com a entrada dos novatos no presídio, havia um processo de compra e venda de xadrez com vista para um determinado local, grande, pequeno, com muitos ou poucos detentos ou um xadrez onde o novato poderia ficar sozinho. Tudo com a convivência de certos funcionários que lucravam muito com este comércio “imobiliário” no presídio. O jornalista **Renato Lombardi** fez uma matéria publicada no Jornal “**O Estado de São Paulo**” datado de 11 de outubro de 1992, na seção **Cidades**, com o título “**Quadrilhas controlam Casa de Detenção**” que explica em detalhes o sistema de compra e venda de tudo o que se pudesse imaginar dentro de um presídio. No livro do jornalista **Percival de Souza**, “**A Prisão**” também se detalha este processo. Da mesma forma, a **Revista Veja** de 14/10/1992, na matéria “**A vida no meio do caos**”. Como num jogo do olho por olho, dente por dente, quem passava por abusos, poderia repetir os mesmos com os novatos. Desde o momento em que o detento chegava ao presídio, já sabia que teria que lutar muito para sobreviver ali. Tinha que aceitar as regras do jogo, com as marcas, estigmas, frustrações, imolações e deteriorações

pessoais que ainda viriam a acontecer em vários âmbitos.

Quem vendia e quem comprava, só eles sabiam desvendar, os detentos e os funcionários. Certamente morar num xadrez sozinho tinha o seu alto preço. A quem o detento pagava? Como ele pagava? Quais eram as leis destes contratos macabros? Cigarro, drogas, favores, privilégios, não importava qual o meio de pagamento. O poder é que mandava (só para esclarecer, o cigarro e a droga eram a moeda corrente à época no presídio).

Na Casa de Detenção de São Paulo, os detentos que faziam a faxina eram muito respeitados. Havia os detentos que não queriam fazer este serviço, então pagavam aos "faxinas" para fazerem o trabalho por eles. Quando havia algum tipo de desentendimento, a opinião dos faxinas era crucial. Os faxinas ficavam no Pavilhão 2, que era chamado de Hotel Jaraguá, um hotel muito famoso antigamente. Pagava-se muito caro para morar no Hotel Jaraguá. Os Faxinas também eram os responsáveis pela distribuição das refeições num carrinho chamado de carrinho da boia.

Por mais que se tentasse evitar, as quadrilhas eram formadas a partir de escolhas detalhadas. Os detentos não eram separados por delitos e geralmente os moradores de um mesmo xadrez faziam parte da mesma quadrilha. Quando um dos companheiros estava fabricando uma arma, os outros tomavam conta do corredor para que ninguém (detento ou funcionário) visse o objeto e quem o fabricava.

Como disse anteriormente, o nosso grupo realizou muitas pesquisas dentro da Casa de Detenção de São Paulo. Embora fôssemos estudantes de Psicologia, não

tínhamos qualquer ligação com o Departamento de Psicologia do presídio. Seguíamos instruções do nosso professor de Psicologia Social e as nossas intuições. Para entrevistarmos os detentos para alguma pesquisa, selecionávamos prontuários de detentos por idade, delito, tempo de prisão e pedíamos que algum funcionário os disponibilizasse no dia e hora que estaríamos presentes para a coleta de dados. Ele seguia nossas instruções à risca e quando chegávamos ao presídio, os detentos já estavam disponíveis para as entrevistas. Para nosso TCC, entrevistamos aproximadamente 200 detentos que haviam cometido furto, roubo e uso e tráfico de drogas. Sim, eram os crimes de maior incidência e comuns a quase toda a população carcerária, mas o mais comum era o que queríamos. Não selecionamos detentos que haviam cometido homicídio ou outros crimes hediondos, porque teríamos que lidar com outras variáveis que esbarrariam na linha tênue entre criminalidade/psicopatia. Na verdade, após as perguntas pré-elaboradas para a pesquisa, nosso interesse era escutar as histórias por trás dos delitos e da prisão, (**"A Mutilação do eu no Presídio"**). Trocando em miúdos, queríamos pesquisar e conhecer o que sobrava do indivíduo após o processo prisional com todos os seus agravantes. Como **E. Goffman** já apontou nos anos 1970 em seus livros **"Manicômios, Prisões e Conventos"** e **"Estigma"**, as pessoas confinadas em chamadas *Instituições Totais* (que apresentam portas fechadas, paredes e muros altos, proibição de saída e de relação social com o mundo externo), a vontade, a necessidade e os desejos de um indivíduo só existem no plano pessoal. Isto significa

que num presídio, todos os detentos respondem a uma autoridade maior, o Estado, sendo que seus sentimentos, desejos, motivações, não deveriam e não poderiam interferir na coletividade. Seus horários para dormir e acordar, comer, assear-se, estudar, trabalhar, tomar sol e praticar esporte eram pré-estabelecidos e impostos por funcionários, cada um no seu turno e adaptando as normas às suas interpretações pessoais, num sistema de regras que não estavam escritas. Não havia lugar para individualidade, pois tudo o que acontecia o dia todo era compartilhado. Claro, na Casa de Detenção de São Paulo, não era tudo tão redondinho assim. Temos que pensar que no dia 15/08/1978, o total de habitantes do presídio era de 6.324 detentos! Como gerenciar tanta gente? Apesar das regras que não estavam escritas em nenhum lugar, muitos detentos procuravam exceções em busca de privilégios, drogas, dinheiro, para conseguir um bife e frutas no horário do almoço, para conseguir esconder um túnel que estivesse sendo escavado ou para afiar um pedaço de ferro que viraria uma arma.

A conclusão de nossa pesquisa foi óbvia, a passagem do indivíduo pela Casa de Detenção de São Paulo deixava marcas terríveis, profundamente arraigadas e indissociáveis do indivíduo pelo resto de sua vida. Como me disse certa vez um detento, *“um egresso do Sistema Penitenciário carrega um carimbo nas costas, uma marca invisível, mas que todo mundo vê”!* Outro disse que *“cadeias são depósitos de presos, circos de horrores e fábricas de monstros, porque o preso está sempre tenso”!* As marcas também eram muito profundas nos funcionários que lá trabalhavam, pois, assim como os detentos, eles também

permaneciam um turno de 12 horas alijados do mundo externo (ficavam presos também). É fácil imaginar o grau de tensão interminável que sofria um funcionário a cada dia de trabalho, sob ameaça à sua vida, à sua família e às tentações ou conivências com a corrupção. Certa vez, na minha santa ingenuidade à época, perguntei a um detento traficante de drogas como a droga entrava no presídio. Ele imediatamente respondeu, com ironia: ____ “Doutora, daqui o preso não sai”...

7 – O Fundão

Não me lembro os dias com exatidão, mas comparecíamos à Casa de Detenção de São Paulo numa frequência de duas vezes por semana, lá permanecendo o dia todo. Aquilo que vemos nos filmes, o boca a boca rápido existente nos presídios é pura verdade. Enquanto estacionávamos no pátio externo, os detentos já anunciavam aos outros que estávamos chegando. Eles nos esperavam, havia aqueles que conhecíamos só de vista e aguardavam nossa passagem à porta de seus xadrezes só para nos cumprimentar. Havia aqueles que inventavam desculpas para que os funcionários os deixassem sair de um pavilhão para entrar num outro onde estivéssemos. Vinham carregando uma lembrancinha, como por exemplo, carteirinhas feitas com palitos de fósforos colados no papel colorido de maços de cigarros. Certa vez, ganhei um livro de um detento, **"Psicoterapia de Adolescentes", de Eduardo Kalina**, editado em 1976. Livro novo, recém-saído da gráfica. Fico me perguntando quem teria comprado este livro para ele e como havia chegado às mãos do detento! Quanto havia lhe custado em termos de sua malha de contatos, quantos maços de cigarros ou quantos baseados teve que pagar? Deveria aceitar o presente ou não? Se o aceitasse, estaria reforçando os mecanismos de corrupção. Se não o aceitasse, poderia causar-lhe constrangimentos e frustrações perante a sua exposição aos outros detentos!

Numa outra ocasião, estávamos em meio ao nosso trabalho, não tenho certeza se estávamos na Chefia de

Disciplina do Pavilhão 2 ou no OCCP, mas chegou um detento com um quadro de pintura a óleo e deu-o à Sílvia, componente do nosso grupo. Era a figura de um palhaço que derramava uma lágrima. O quadro era lindo, muito bem pintado. Os olhos do palhaço eram expressivos, tinham um verde intenso, bem claro, mas eram olhos tristes. O desenho trazia a expressão de um palhaço triste! O detento não era muito conhecido por nós, mas ele disse que os olhos verdes do palhaço eram os olhos da Sílvia. Posso dizer aqui que eram realmente do mesmo tom, com a mesma transparência e beleza, mas os olhos da Sílvia teem vida e não são tristes!

Com o “nada”, os detentos faziam coisas muito criativas: espiriteiras feitas com 2 tijolos e pedaços de metal ligadas por um “gato” à rede elétrica, chuveiros quentes improvisados com pedaços de arame e uma embalagem plástica toda furada (no xadrez só havia um cano com água fria). É claro que a mesma criatividade era utilizada para construir armas brancas, elaborar planos de fuga, construir túneis e esconder objetos dos funcionários e dos próprios companheiros de xadrez.

Na sala da Diretoria da Casa de Detenção de São Paulo havia uma grande estante de madeira onde estavam dispostos objetos de arte e artesanato feitos pelos detentos. Viam-se bolsas, sapatos, quadros, cintos, barcos de madeira, objetos feitos de palitos de fósforos e quadros. Sobre esta estante, havia uma frase em letras bem grandes: “O LADO BOM ESTIMULADO”.

Do outro lado, pendurado na parede, um grande quadro que dispunha outros objetos manufaturados

pelos detentos, tais como armas diversas, Teresas (cordas grossas feitas com tecidos trançados e torcidos para serem usadas em fugas), cachimbos para uso de drogas, estiletes, facas, grandes espetos feitos de ferro, barras grossas de madeira, jogos clandestinos e um revólver todo feito de madeira (com as peças milimetricamente encaixadas e funcionais). Sobre o quadro, outra frase: "O LADO MAU COMBATIDO".

Não poderia deixar de mencionar aqui outras duas campeãs da preferência dos detentos feitas com muita criatividade. A primeira é a *Maria-Louca*. Tratava-se de uma aguardente feita pelos detentos a partir da fermentação de restos de alimentos, principalmente cascas de frutas cítricas, que eles engenhosamente fabricavam com utensílios simples que estavam à disposição. A segunda era a *Fórmula 4*. Tratava-se de um medicamento, um tipo de analgésico que os detentos fabricavam e que servia para todas as dores (já li em algum lugar que a Fórmula 4 era fabricada numa enfermaria da Casa de Detenção e era feita pelos enfermeiros que eram os detentos; não havia enfermeiros profissionais contratados para nenhuma enfermaria do presídio). Eu a vi em comprimidos e na forma de unguento para ser aplicado no local onde se sentia a dor. A Sílvia comumente estava com a mão enfaixada por ter dor devido a um reumatismo. Ela usou o unguento da fórmula 4 na mão dolorida e disse que a dor passou.

Com o correr do tempo e tendo o nosso grupo se tornado conhecido, os detentos e funcionários começaram a falar mais do que perguntávamos. Começamos a ouvir falar em cela-forte do Pavilhão 9, Seguro, Amarelo (Pavilhão 5, que era um Pavilhão onde

havia um posto médico e presos jurados de morte), o Fundão (Pavilhões 8 e 9), Ala dos Tuberculosos, Ala dos Doentes Mentais que usava camisas de força, etc. Nesta época, sentia-me mais madura, era capaz de dimensionar o que significava o presídio e qual era o meu papel naquela realidade à parte. Só que o tempo passava, já estávamos a uns quatro anos visitando regularmente o presídio, mas não tínhamos acesso aos locais “proibidos”. Não poderíamos concluir nosso TCC se não os conhecêssemos. Foi no último ano de nosso curso que resolvemos ter uma conversa com o Coronel Guedes sobre isto. Ele nos ouviu pacientemente, parou um pouquinho, pensou e disse que na nossa próxima ida ao presídio, nós iríamos ver o que tanto queríamos. Vibramos de alegria (que dicotomia)!

Muita coisa se falava do Coronel Guedes, não sabíamos se eram verdades, mas certo dia estávamos na Diretoria e um detento pediu licença ao Coronel, entrou e cochichou ao ouvido dele. O Coronel ficou muito nervoso e disse que ele mandasse uma pessoa entrar, com voz de comando. Assim foi feito. O sujeito entrou temeroso e o Coronel lhe deu uma tremenda bronca. Em seguida, expulsou-o aos berros. Quando o homem se virou de costas para ir embora, ele lhe chutou as nádegas, dizendo em tom muito alto e nervoso: — “Fora daqui!” Não sabíamos o motivo, mas certamente foi uma situação constrangedora.

Para nós quatro, o nosso grupo, ele sempre foi muito cooperativo e cuidadoso. Chegou aos nossos ouvidos que ele havia mandado investigar nossas famílias. Todas tínhamos famílias estruturadas, não havia nada de ilícito. Se ele procurou, nada encontrou. Ele cuidava de nós como se fôssemos de sua família.

Zelava pela nossa segurança em todas as situações, com exceção a um episódio que lhe escapou, à saída dos detentos do cinema que irei mencionar depois, pois foi uma situação de perigo real. Ele gostava de nos ver nos almoços com autoridades e artistas, apresentava-nos a todas as pessoas importantes que lá frequentavam à época. Fazia questão de nos levar a todas as comemorações do presídio, colocando-nos no palanque das autoridades. Nós éramos conhecidas como **"as meninas"**. Certa vez, um funcionário deixou escapar a seguinte frase: ____ "Deixa eu cuidar direito das meninas, porque se acontecer alguma coisa, mi coroné me mata!" (*sic*).

Voltando à conversa séria com o Coronel, estávamos presentes à sua sala no dia e hora que ele havia estipulado para conhecermos os locais "proibidos". Ele antes perguntou se era isso o que realmente queríamos e nós respondemos afirmativamente. Ele levantou-se de sua escrivaninha, chamou dois funcionários que geralmente nos acompanhavam e foi à frente nos conduzindo. Quando os detentos avistavam o Coronel Guedes, mesmo que fosse ao longe, paravam de conversar, tiravam bonés, abaixavam as cabeças e colocavam as mãos para trás. O Coronel ia passando e os cumprimentando, com voz e passadas firmes. Cruzamos a Divineia (local no trajeto que levava ao Pavilhão 2, que continha um coreto, uma fonte, canteiros com árvores no canto direito, alguns animais domésticos e algumas aves, entre elas, duas siriemas domesticadas).

Voltando ao "passeio" pelo presídio, passando o coreto, havia um portão de ferro na sólida muralha de 9 metros de altura com militares armados e holofotes

que iluminavam toda a extensão dos pavilhões. Este era o último obstáculo para se chegar ao Pavilhão 2. Cada pavilhão era separado por portões na muralha e só se transpassava os mesmos se o detento tivesse um “passe” obtido por bom comportamento ou por trabalhar em outro pavilhão. Estávamos a caminho do Pavilhão 9. Ao entrarmos no Pavilhão 2, havia um caminho bem difícil para se transpor até alcançar o 9, pois tivemos que passar por vários portões que dividiam os muros entre os pavilhões. O portão do Pavilhão 9 estava trancado e havia um funcionário tomando conta do fluxo de pessoas. Abriu-nos a porta, o Coronel entrou, os dois funcionários que acompanhavam a comitiva e o funcionário que estava tomando conta da porta também entraram conosco. No 1º andar, mais 2 funcionários se juntaram ao grupo. A cada andar, mais funcionários. Quando chegamos ao 5º andar, eram 12 funcionários, 6 de cada lado, o Coronel à frente e nós, as meninas, no meio, cercadas por guardas de presídio. Cena inusitada, o Coronel e 4 moças andando pelo 5º andar do Pavilhão 9, o mais violento de todos! Era o Fundão. Paredes úmidas, rachadas, riscadas, descascadas, mal tratadas e escuras, pouca iluminação, roupas e panos pendurados em varais aleatoriamente, chão repleto de grandes poças d’água devido a vazamentos, detentos mal-encarados com olhares desafiadores, soltos pelos corredores. O cheiro era muito ruim. Ao fundo, onde terminava o corredor, uma parede toda preta pela umidade estava encoberta com uma bandeira do Coríntians e varais de roupas. Ao longo dessa parede, vários detentos estavam encostados conversando alto, formando eco e falando palavrões. Ao avistarem a

nossa comitiva, assumiram a postura comum à presença do Coronel Guedes e se calaram. Um pouco antes da parede final do Fundão, havia uma porta muito grande e grossa, do tipo daquelas de frigorífico, à esquerda, hermeticamente fechada. O Coronel ordenou que um funcionário a abrisse. Era a entrada do recinto das celas-fortes do 5º andar do Pavilhão 9. As celas estavam à esquerda de quem entrava, e à nossa frente, formava-se um corredor estreito e comprido. Do lado direito, janelas com grades. As celas-fortes eram xadrezes destinados aos detentos que cometiam alguma falta grave, isto é, eram destinadas aos castigos dos detentos. Cada uma media 2 x 2. As sensações que tive ao abrir-se a porta de ferro foram horríveis e inesquecíveis. O cheiro de fezes e urina, suor e comida putrefata era insuportável. Baratas transitavam em meio à comida que estava fermentando e apodrecendo no chão, onde algum detento a havia atirado. As paredes tinham fezes que também haviam sido atiradas pelos detentos. As celas-fortes formavam um grupo de aproximadamente oito. Nelas não havia janela, nem luz artificial, nem ar. Dizem que sequer dava para se deitar no chão devido ao seu tamanho e à superlotação. A única ligação para o exterior da cela-forte era uma pequena abertura que servia para se passar a comida e a água e também por onde os detentos nos olhavam. Não dava para todos nos verem, pois estavam repletas de detentos e a abertura era muito pequena. Eles colocavam as mãos para fora da abertura, havia várias mãos, todos falando e gritando ao mesmo tempo frases que pediam clemência. As vozes que ouvi diziam: ____ "Doutora, pede pro Coronel tirar eu daqui!" ____ " Eu não fiz nada!" ____ "Por favor,

Dra, aqui é horrível (sic)! Enquanto proferiam estas frases, faziam gestos de clemência com as mãos. Uma cena degradante: pareciam mortos-vivos! Igual ao quadro "*O Inferno de Dante*", só que sem o fogo! Não estou chamando a atenção aqui para discussões do que seria justo e dentro de condições sanitárias adequadas, nem do que seria melhor para aplicar um castigo a um detento. Também não pensei no que cada um daqueles homens havia feito para tomar um castigo na cela-forte, nem se o detento havia cometido um crime hediondo fora da cadeia e poderia merecer o seu castigo. Também não pensei no que era certo ou errado. Naquela hora, absorvendo aquela masmorra com todos os meus órgãos dos sentidos, só pensei em como a degradação do ser humano podia ser fácil quando outro ser humano, um funcionário, tinha o "poder" de confinar outrem naquelas condições, transformando-o num farrapo humano! (o livro "**Vigiar e Punir**" de **Michel Foucault**, já discutia nos anos 1970 sobre o *corpo dos condenados* como objeto de punição – vale muito a leitura!).

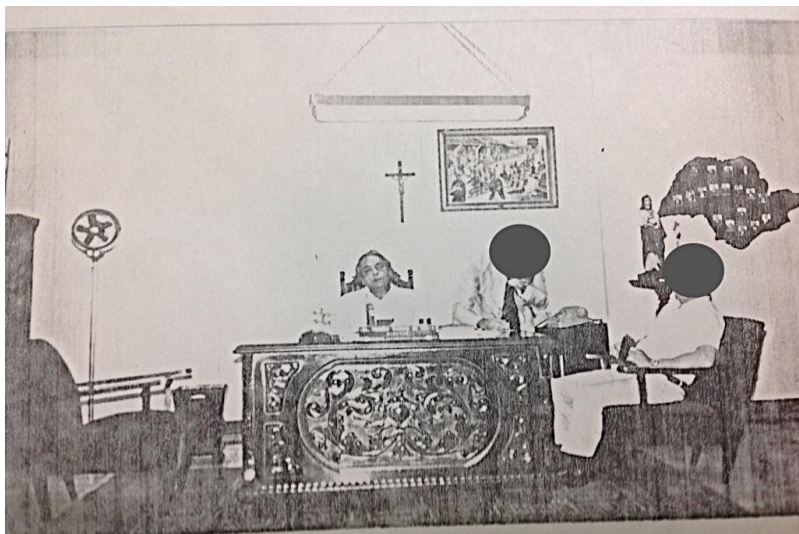
Diante da situação que se formou, o Coronel começou a perguntar a alguns deles quais tinham sido as causas dos seus castigos. Em seguida, mandou soltar alguns detentos. Eles saíam das celas-fortes sujos, sem camisa, estranhando a claridade e certamente a clemência. Falavam frases de agradecimento ao Coronel e a nós; pediam licença e sumiam pelos corredores escuros.

Saímos todas caladas, pensativas, o portão de chapas de ferro foi fechado e trancado e a nossa comitiva dirigiu-se para os andares abaixo. A cada andar, alguns funcionários lá permaneciam. Quando

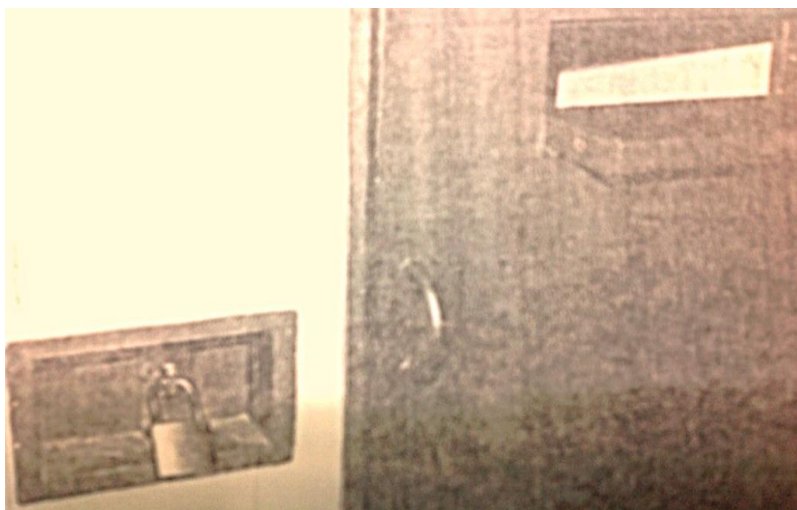
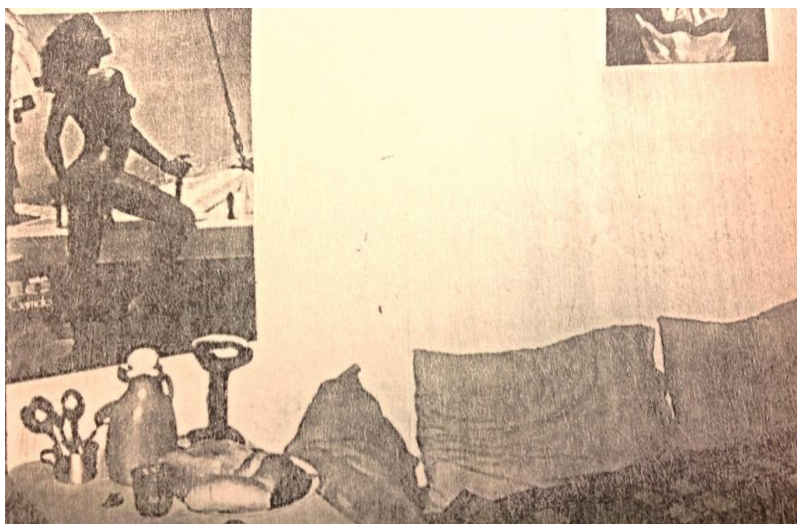
chegamos ao térreo, sobraram só os dois que nos acompanharam desde a Diretoria Geral. Eu me senti muito mal vendo aquelas cenas terríveis! Mas tudo era fruto de um sistema prisional idealizado a partir do século XVIII, que veio sendo aprimorado desde o século XIX, adaptado e corrompido. O modelo prisional brasileiro foi baseado naqueles modelos que surgiram na Europa e nos Estados Unidos. Para saber mais sobre este tema, leia o livro **“Prisões numa abordagem multidisciplinar”**, de **Maria Thereza Ávila Dantas Coelho e Milton Júlio de Carvalho Filho**.

Nosso grupo, “as meninas”, tão vivo, alegre e falante, calou-se. Fizemos o caminho de volta à Diretoria refletindo sobre o que acabáramos de vivenciar. Os outros recintos que queríamos ver ficaram para outro dia. Aquele dia estava acabado e fomos embora. Creio que amadureci muito a partir daquele dia horroroso! A Casa de Detenção já não era um local onde me sentisse bem! As coisas começavam a me incomodar e ficava feliz na hora de ir embora.

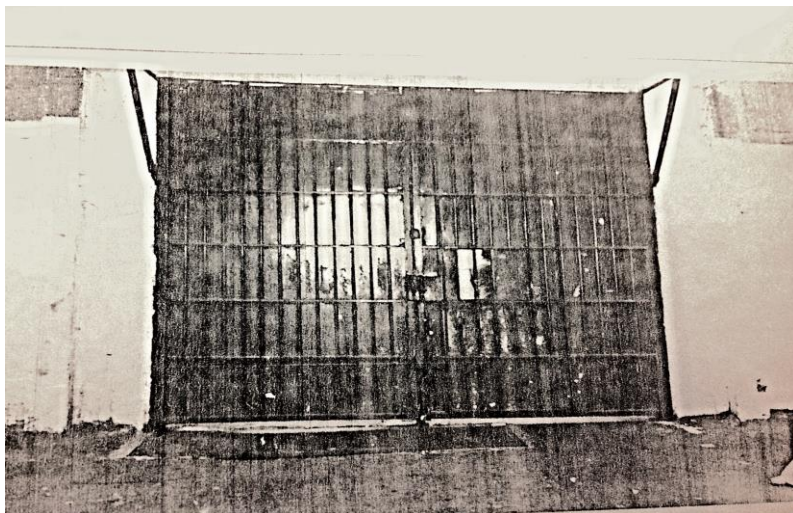
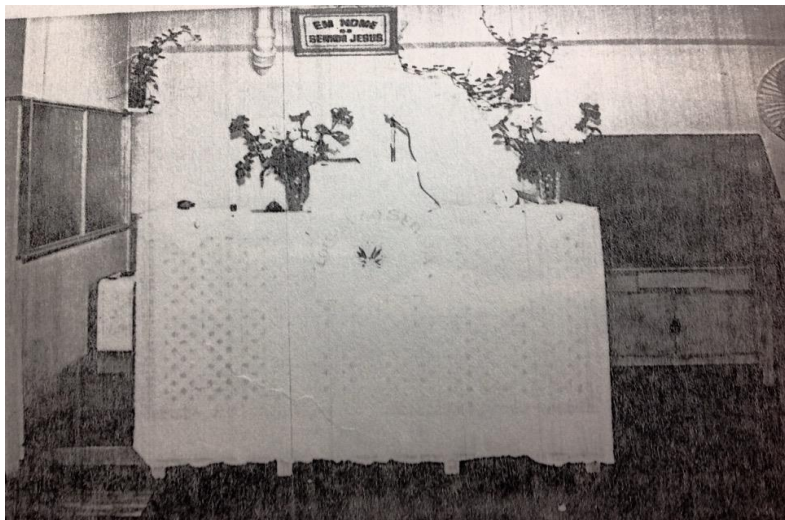
Hoje, tantos anos depois, pensando naquele fatídico dia, algumas observações não poderiam deixar de ser feitas. Durante nossa visita ao Fundão, todos os funcionários e detentos nos respeitaram. Ninguém proferiu uma palavra sequer, pois a presença do Coronel Guedes era muito forte. Ninguém ousava enfrentá-lo, mesmo que fosse no temido Pavilhão 9. Cabe aqui ressaltar que tempos depois quando se formaram as facções dentro de presídios, ninguém mais entrava no Pavilhão 9, a não ser os detentos, pois o recinto se tornou uma espécie de propriedade das quadrilhas que se formaram.



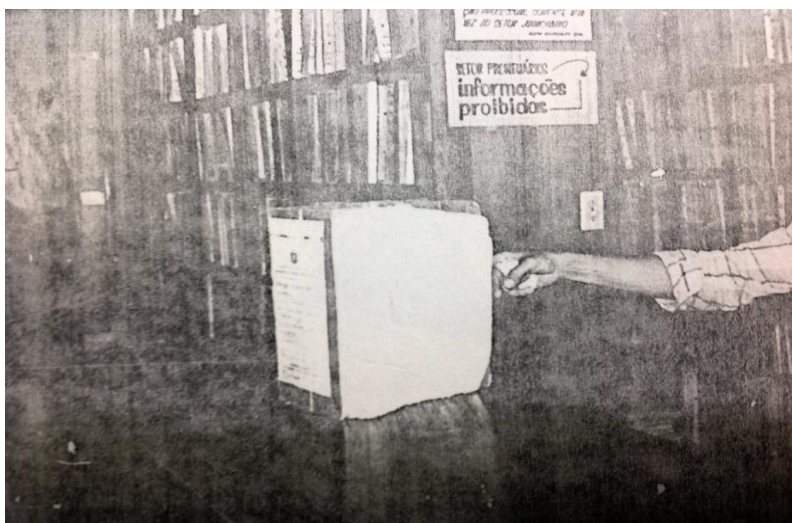
Acima: O Coronel Guedes. Abaixo: A Cela-Forte.



Acima: Xadrez individual. Abaixo: Xadrez por fora.



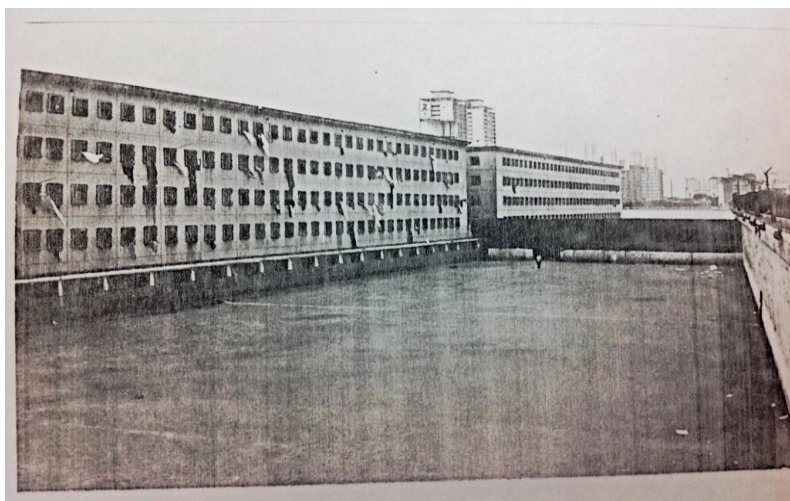
Acima: Assembleia de Deus. Abaixo: o 1º portão.



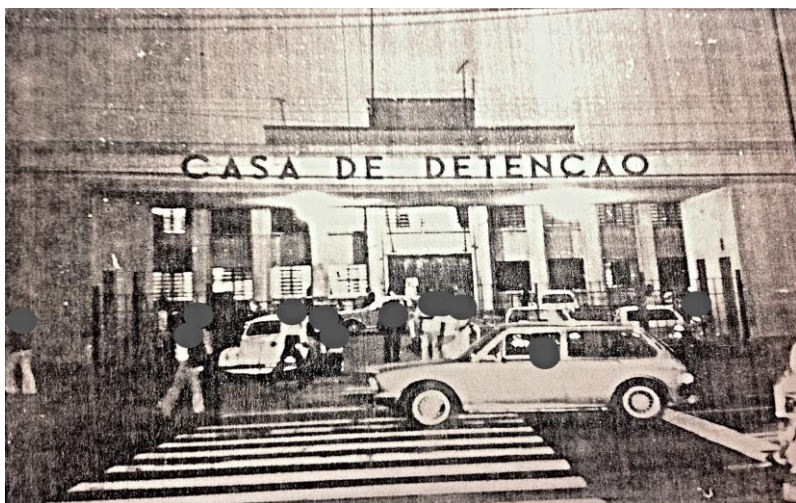
Acima: Vista parcial. Abaixo: O maior prontuário.



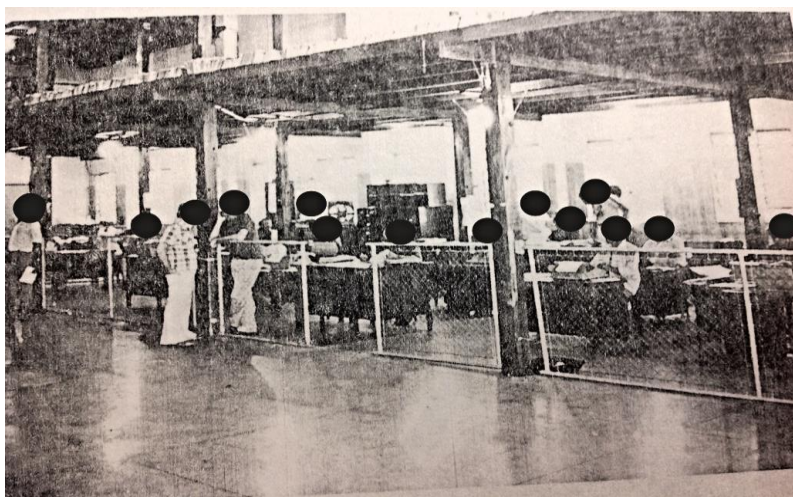
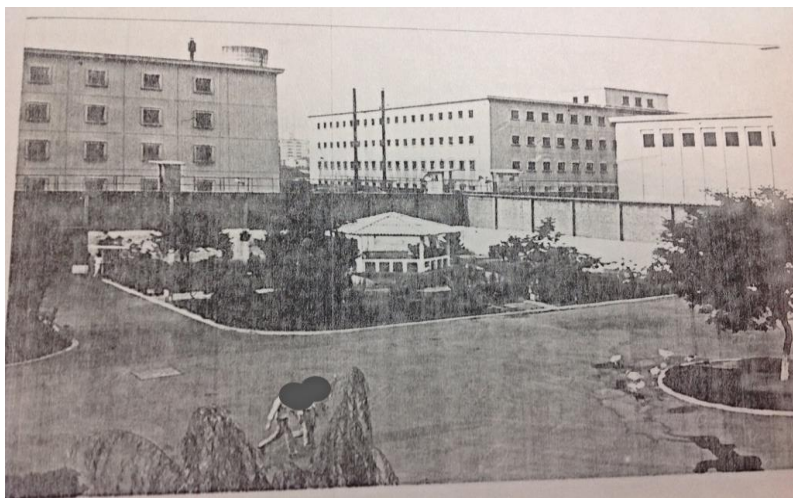
Acima: Armas apreendidas. Abaixo: Os diferentes.



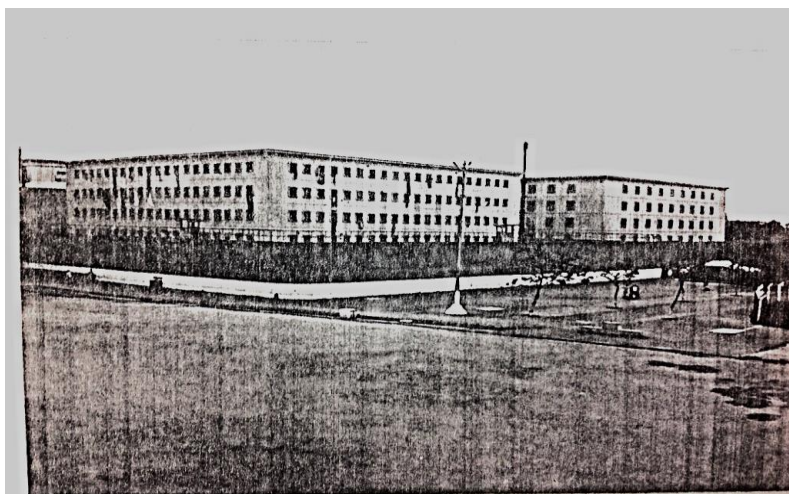
Acima: Vista de um corredor. Abaixo: O Fundão (ext.).



Acima: O Fundão (int.). Abaixo: Vista frontal.



Acima: Divineia. Abaixo: OCCP.



Acima: Centro de Umbanda. Abaixo: Campo de futebol.



Acima: Triagem.

8 – A Hora do Almoço

Quando se aproximava das 11h00min da manhã, o Coronel nos mandava chamar onde quer que estivéssemos para um almoço na Copa da Diretoria, no Pavilhão 2. Era um recinto pequeno e apertado para uma mesa tão grande e com tantas pessoas.

Os almoços eram frequentados por vereadores, deputados, advogados, delegados, juízes, diretores dos pavilhões, artistas, policiais civis, investigadores e às vezes, alguns militares à paisana. Havia também o “T.”, um ex-detento que se tornou advogado e era muito amigo nosso e do Coronel. O Coronel Guedes fazia questão de nos apresentar a todos. Algumas pessoas mais frequentes até faziam amizade conosco, pois tinham curiosidade sobre o nosso papel no presídio.

As mulheres que compareciam nos almoços da Diretoria apresentavam-se sempre usando vestidos. Geralmente eram advogadas ou juízas. Já os homens usavam paletós e tinham os sapatos que brilhavam, inclusive os advogados e os Diretores dos Pavilhões. Os detentos é que os engraxavam. Os visitantes costumavam usar pulseiras e cordões de ouro pesados, grandes anéis e cintos chamativos, principalmente os policiais civis.

O Coronel sentava à cabeceira da grande mesa que ficava ao fundo do recinto. Os garçons, vestidos a caráter e o cozinheiro eram detentos.

A mesa era posta com muito esmero, parecida com um restaurante (dos bons). Sempre havia aperitivos, pão francês e pães de queijo quentinhos, torradas, patês, azeitonas, ovos cozidos e muitas outras iguarias.

Havia em todos os almoços quatro tipos de carne. Os pratos servidos pelos detentos eram decorados, muito bonitos e de sabor impecável. Também podíamos escolher massa ou arroz e feijão. Havia várias sobremesas, mas a campeã era o pudim que o Pudim (detento que cozinhava no banquete) fazia. Para beber, suco de laranja ou refrigerante gelados.

Estranhei muito a primeira vez que participei do almoço da copa da Diretoria! Quem poderia imaginar que num ambiente tão horrível como era a Casa de Detenção de São Paulo, onde sabíamos que muitos detentos lutavam por comida, pudesse haver tamanha fartura e requinte? Eu era uma estudante pertencente à classe média, estava acostumada com o que de melhor meus pais podiam dar. Minha família estava acostumada a frequentar restaurantes de bom nível, pois tínhamos uma vida confortável. Porém, nunca havia visto algo parecido! A comida era tão farta, que mesmo que eu quisesse experimentar um pouquinho de cada prato salgado ou doce, não conseguiria!

A certa altura do banquete, o Coronel chamava o Pudim, muito risonho e extremamente carismático que era muito aplaudido e elogiado pelos presentes.

Quando o Coronel se levantava, dava o almoço por encerrado. Todos os presentes também se levantavam e saíam. O Coronel se despedia e se dirigia às suas dependências particulares para fazer a sesta. As pessoas que haviam participado do almoço ainda continuavam suas conversas pelo caminho que as levava à saída sem escolta. Cartões de apresentação e números de telefone eram trocados neste percurso.

Havia um fotógrafo que sempre registrava estes almoços e outros eventos do presídio, com sua

máquina gigantesca e seu enorme flash, já antigos àquela época. Numa ocasião, um detento mostrou-nos uma foto nossa, da qual não tínhamos conhecimento. Ele disse que a havia comprado de outro detento.

Num dos almoços, o Coronel mandou me entregar uma correspondência onde constavam o nome do meu pai, o meu endereço, CEP, e o remetente era o Coronel. Estranhei muito aquilo e o Coronel ria muito (de mim). Não entendi nada! Então, o Coronel mandou-me abrir a carta. Para minha surpresa, era uma foto grande onde eu estava com um cigarro na mão. Quando a vi, tomei um susto, fiquei muito vermelha de vergonha, pois todas as pessoas, já sabendo do que se tratava, riram. Foi uma piada feita para mim pelo Coronel Guedes, pois ele sabia que o meu pai era muito rigoroso e não sabia que eu fumava (àquela época, muita gente fumava).

Depois do almoço, o meu grupo se dirigia a algum lugar do presídio, às vezes sem escolta, porque como disse antes, algumas variáveis escapavam ao Coronel Guedes nestas ocasiões. Mas isto não nos preocupava, pois tínhamos a escolta de alguns detentos, especialmente um que tinha o apelido de Cacique, no qual o Coronel confiava muito. Ele também estava na nossa escolta à visita pelo Pavilhão 9. Os detentos que nos escoltavam não deixavam ninguém se aproximar de nós e tinham passagem livre entre os pavilhões. Os outros detentos os respeitavam muito. O que havia por trás disso nós não sabíamos identificar com certeza, apenas supúnhamos.

Certa vez, a escolta falhou. Resolvemos ir à Diretoria do Pavilhão 6 para falar com o Coronel que lá estava e não havia ninguém para nos escoltar. Como o

pavilhão estava tranquilo, resolvemos subir as desgastadas escadas e não pegar o elevador. Começamos a subir, estava tudo calmo e vazio. Coincidentemente, a sessão do cinema dos detentos terminou naquele instante e eles saíram do recinto às centenas e começaram a descer as escadas. (Li certa vez que a lotação do cinema era de 500 pessoas sentadas). Os filmes eram sempre pornochanchadas sem censura. Uma verdadeira multidão de detentos descia rapidamente pelas escadas e nós quatro queríamos subir. Um cheiro muito forte de maconha invadiu as escadas. Não sei sobre os sentimentos das minhas colegas de grupo, mas eu fiquei com muito medo! Alguns detentos passavam direto e depois se assustavam em nos ver, tentavam parar, mas os que vinham atrás deles os atropelavam, ficando um tipo de um empurra-empurra tétrico. Foram minutos de terror! Felizmente não aconteceu nada de ruim, ninguém tentou pegar nossas bolsas ou nossos objetos (nós entrávamos no presídio sem passar pela revista, com tudo o que carregávamos nas nossas bolsas ou nas mãos, inclusive guarda-chuvas, que eram proibidos). Ninguém nos tocou ou falou qualquer coisa. Nenhum detento nos importunou. Apenas nos olharam, desconfiados... Ficou a lembrança de uma vivência muito perigosa, mas que terminou bem!

Em 1985 houve uma rebelião dentro do cinema e este foi destruído. Nos últimos anos da existência da Casa de Detenção de São Paulo, o espaço do antigo cinema era usado pela Igreja Universal, que tinha outras filiais em todos os outros pavilhões.

Como passávamos o dia todo no presídio, o Pudim nos mandava lanchinhos no meio da tarde. Chegavam

um bule de café, sorvete, bolo Pullman, sanduichinhos, bolachinhas, groselha e guaraná numa bandeja bem arrumada, limpa, estivéssemos longe ou perto do Pavilhão 2. Quando estávamos no Pavilhão 2, ele vinha pessoalmente nos trazer os quitutes e virava uma festa, pois o Pudim contava suas histórias de forma engraçada. Ele nos contou sobre sua vida antes da prisão, (roubava joias), falava da família e como havia sido preso. Diziam que ele podia sair do presídio e fazer umas compras para o almoço da Diretoria. Perguntamos o porquê do apelido Pudim. Ele nos disse que uma vez fugiu do presídio e começou a trabalhar num restaurante, onde fazia seu famoso pudim. Certo dia, um investigador que almoçava no local, pediu um pudim na sobremesa. Ao experimentá-lo, reconheceu o doce que havia saboreado na copa da Diretoria da Casa de Detenção. Pediu para chamarem quem havia feito o doce, este apareceu, foi reconhecido e recapturado. Daí o apelido Pudim.

Numa ocasião, foi feita uma feijoada nas dependências do pátio do Pavilhão 2, onde havia cobertura de telhado, em homenagem aos times de futebol Juventus e Corinthians. Os jogadores que compareceram foram muitos, mas confesso que por não gostar de futebol e por não torcer por nenhum time, não os reconheci e não me lembro dos seus nomes. Sei que eram muitos. Apenas lembro-me do Marcelinho Carioca, que foi muito assediado pelos visitantes. Havia muitas autoridades e funcionários da casa e a ocasião foi um sucesso, com reportagem na TV.

Presenciamos um acontecimento que eu não poderia deixar de relatar. Um faxina estava carregando

um carrinho de boia cheio de ovos cozidos e descascados, quando o mesmo virou e derrubou todos os ovos no chão sujo e molhado. O faxina pegou os ovos que estavam por cima, colocou-os de volta no carrinho, deixou os que estavam no chão e foi embora. Imediatamente apareceram vários detentos que pegaram os ovos do chão e os comeram avidamente, aos montes. O que falar desta cena? Mais um aprendizado!

9 – Os Eventos

Dizem que o Brasil tem milhões de técnicos de futebol. Dentro da Casa de Detenção de São Paulo dos anos 1970 não era diferente. Numa população que chegou aos 7.000 homens em algumas ocasiões, os times formados tinham os mesmos nomes dos times do Campeonato Paulista Oficial, inclusive seguindo as mesmas regras oficiais e com a presença de juizes da Federação Paulista de Futebol nos jogos mais importantes.

Dia de final do campeonato de futebol na Casa de Detenção era igual a um dia de jogos do Brasil na Copa do Mundo. Os detentos ficavam inquietos e ansiosos. As torcidas colocavam bandeiras em paredes e janelas, faziam flâmulas, camisetas especiais e uniformes novos; as apostas eram em cigarros. As estações de TV documentavam os jogos. As torcidas de detentos não deixavam nada a dever às torcidas dos estádios de futebol.

Um palanque para autoridades era erguido à frente de um local estratégico da plateia no campo de futebol, que tinha aos fundos uma parede. À frente e pelos lados, policiais militares e seus cães faziam uma barreira entre os detentos e os visitantes. Equipes de várias estações de TV disputavam o melhor lance e a melhor imagem. Cheguei a ser entrevistada inesperadamente numa destas ocasiões pela Rede Globo, através do falecido jornalista Juarez Soares. Passou na Globo do Brasil todo. Recebi ligações de vários parentes de outros estados do Brasil e vários amigos e parentes de São Paulo. O Juarez me

perguntou se havia violência durante os jogos de futebol. Eu disse que não! Eu não podia falar a verdade! O que eu poderia dizer? Nestas ocasiões, eram muito comuns os acertos de contas, golpes de estilete e brigas.

Quando os jogos terminavam, havia a volta olímpica dos vencedores carregando o troféu e os capitães também eram carregados pela torcida eufórica. Num desses jogos, pediram para que uma componente do nosso grupo entregasse o troféu. Foi uma festa!

Comumente havia shows para os detentos, tais como: mulatas seminuas (surpreendemos uma delas chorando com medo de ir ao palco e enfrentar os detentos), show de calouros com Raul Gil, shows de Nalva Aguiar, com seu chapéu, botas e roupas de franjas, que era a cantora predileta dos detentos à época, outros cantores, humoristas, circos, conjuntos, sambistas e vários artistas e políticos.

Quando Raul Gil fazia o show, os calouros eram os detentos e os jurados eram as autoridades, artistas e quem mais estivesse no palanque. Contava piadas e cantava clássicos populares junto com os detentos. A plateia participava ativamente, com muita alegria, com palmas, assobios e vaias para quem deveria ganhar e quem deveria perder. Raul Gil anunciava prêmios impossíveis, tais como férias nas praias do Caribe ou a passagem para um Cruzeiro na Itália, ao que os detentos riam muito. Certa vez, ele disse que tinha três pacotes de cigarros e que seriam doados a quem gritasse mais alto. Uma componente do nosso grupo era jurada e disse que foi uma tarefa bem difícil escolher quem gritava mais alto! Foi um ponto alto da festa!

O mesmo esquema de segurança adotado nos jogos de futebol era adotado nestes eventos. Mas eram muitos detentos soltos ao mesmo tempo, talvez uns 3.000 ou 4.000, penso eu, o que era uma temeridade. O Coronel Guedes iniciava os eventos falando algumas frases de efeito e também os encerrava. Primeiro saíam as autoridades e os visitantes. Depois, os policiais com seus cães dispersavam os detentos para voltarem aos seus pavilhões. Era hora de voltar à dura realidade.

Num show de calouros, Raul Gil me perguntou se eu conhecia música. Respondi que sim, pois havia estudado piano por 13 anos e era formada. Ele, então, me convidou para ser jurada no seu programa de TV. Tentou me convencer, falou muitas coisas, que teria um salário, ficaria conhecida, etc. Agradei, mas não aceitei. Não era meu objetivo.

Um acontecimento que acompanhamos junto ao Coronel Guedes foi a posse do Papa. Detentos, funcionários e todos os católicos que estavam no presídio aquele dia também assistiram. Para muitos detentos, foi um dia memorável.

Numa ocasião, foi promovida uma festa para o Juiz Corregedor. Os preparativos duraram vários semanas. Os detentos costuraram faixas e flâmulas, pintaram cartazes de boas-vindas e enfeitaram os pavilhões. Foi programado um almoço especial, quando se entregou uma placa de prata comemorativa ao Juiz, afinal, os detentos viam esta festa como muito importante para eles. Participamos ativamente da festa, conhecemos o Juiz Corregedor, conversamos bastante com ele, trocamos cartões, ele se colocou à nossa disposição. Lembro seu nome até hoje, pois passamos várias horas juntos. Ele quis saber do nosso trabalho no presídio,

das nossas experiências, nossas famílias, quais as profissões dos nossos pais. Foi um encontro muito festivo e bom. À saída, nos perguntamos: ____ "O que é um Juiz Corregedor"?

10 – Os Artigos 157, 171 e 281 à Época

Qualquer detento entrevistado sabia seu(s) artigo(s) e o número de sua matrícula de cor.

Naquela época, só havia um advogado do Estado à disposição de toda a população carcerária da Casa de Detenção de São Paulo, o que era surreal. Diante do absurdo que representava esta situação, alguns detentos se tornaram especialistas em redigir e enviar recursos jurídicos a quem de direito, com termos próprios de advogados. Os recursos eram solicitados por detentos que não tinham advogados e os “entendidos” cuidavam dos trâmites. Aliás, conhecemos vários advogados que eram ex-detentos e estes visitavam muito o Coronel Guedes, que os incentivava muito.

Os três artigos citados acima eram os de maior incidência entre os detentos, individualmente ou sobrepostos. Isto quer dizer que um traficante e usuário de drogas poderia ter roubado e furtado e também poderia cometer atos de estelionato para conseguir a droga.

Teoricamente, no presídio não deveria haver drogas, mas havia e muita. Nos anos 1970, a droga campeã da preferência dos presos era a maconha. Certa vez, perguntei ao Coronel Guedes o que ele achava sobre a presença de maconha na Casa de Detenção de São Paulo. Ele respondeu que a maconha era a *válvula da panela de pressão*. Para boa entendedora, meia palavra bastava. Alguns dias depois, o nosso grupo estava numa Chefia de Disciplina com nossa escolta habitual, o Cacique. Eu estava em pé defronte e perto de uma

escrivadinha daquelas antigas, com uma gaveta muito grande, com fechadura à chave. De repente, o Chefe de Disciplina entrou apressado e, num gesto impensado, abriu a gaveta da escrivadinha para pegar algum objeto. A gaveta estava abarrotada de cigarros de maconha. Quando o chefe viu que todas vimos a maconha, ele fechou-a e trancou-a à chave. Não disse uma palavra e saiu. Nunca tocou no assunto, mas deu para entender por que havia tanta maconha numa sala de chefia de disciplina.

O estelionato, as falsificações e as histórias mirabolantes eram constantes nos diálogos com os detentos. O número de detentos que casaram com suas advogadas era muito grande. Um 171 fazia petições porque tinha caligrafia perfeita. Detentos aumentavam as aventuras (roubos e furtos) e os perigos que passaram em suas histórias. Havia um traficante de cocaína com o qual sempre conversávamos que contava muitas histórias. Dizia ter um destilador de cocaína feito em prata no seu xadrez. Ele disse que também tinha uma balança de ouro. Ele morava sozinho no xadrez e isto custava caro! Disse que quando era livre, levava a droga em aviões e que uma vez teve que aterrissar na Rodovia Castelo Branco, aqui em São Paulo, para depois fugir por terra.

Eu, pelo menos, comecei a ficar atenta com o passar do tempo, ouvindo o detento falar, mas aplicando um “filtro” indispensável (alguns também eram muito galanteadores). Mas uma moça de nosso grupo não resistiu aos galanteios de um detento. Conversavam muito quando conseguiam se encontrar em nossos dias de estágio, trocavam cartas e ela inclusive foi vê-lo num dia de visitas. Ele era casado e

tinha filhos. Na 2ª feira seguinte à visita dela, nosso grupo voltou à Casa de Detenção como habitualmente, mas aquela componente do grupo não compareceu. Ao chegarmos, já havia um recado do Coronel para nós com o funcionário do primeiro portão. Ele queria nos ver e assim, fomos até a Diretoria. O Coronel Guedes estava muito bravo e falou que aquela nossa colega não iria mais entrar no presídio, pois ele não iria mais deixar. Ele disse que as cartas deles haviam sido interpeladas e que não admitiria um absurdo desses. Disse em voz firme: ____ “Com tanto garoto bom lá fora, ela vem querer namorar bandido sem-vergonha e vagabundo aqui dentro? Ela não entra mais aqui! Eu não vou deixar! Nem por carta”! Nós ouvimos a bronca, mas demos-lhe toda a razão! Ele sabia muito bem do que estava falando!

Em algumas ocasiões, aconteceram coisas inacreditáveis. Uma vez, estávamos almoçando, quando entrou um detento na copa da Diretoria. Falou ao ouvido do Coronel que uma viatura da Polícia havia entrado em velocidade alta na Divineia e havia atropelado e matado uma das siriemas. O Coronel expressou sua tristeza e disse ao detento: ____ “Volte lá e dê voz de prisão ao PM! O sentenciado ficou apavorado! *Dizia:* ____ “Eu sou preso, como posso prender um PM”? *O coronel, irritado, disse:* ____ “Volte lá e diga que ele está preso e só poderá sair quando eu falar com ele, entendeu?” “Agora, vá e faça o que eu mandei”! E lá foi o detento... imagine a situação! Dizem que o detento chegou em frente ao PM e disse: ____ “*Teje preso*”! Isto foi motivo de muita gozação! O PM ficou a tarde toda esperando pelo Coronel. Não sabemos como tudo se resolveu.

Numa outra ocasião, estávamos na sala do Coronel conversando sobre coisas que aconteciam no presídio. Ele sempre procurava nos mostrar coisas boas e ruins e também abrir nossos olhos. De repente, ele cortou o assunto e chamou um guarda de presídio. Pediu que ele trouxesse um detento, falou seu nome, sobrenome e aguardou. Passado um tempo, o detento chegou à sala da diretoria, nós estávamos lá. O detento pôs as mãos para trás, abaixou a cabeça e ficou em pé defronte à mesa do Coronel, que pediu que este dissesse seu nome, idade, delito e há quanto tempo estava preso. O detento respondeu. Em seguida, o Coronel virou para nós, apontando para o detento e disse: ____ “Isto é para vocês aprenderem a não confiar em ninguém! Olhem os cabelos brancos dele! O criminoso também envelhece! Não se pode ficar com dó, só porque tem cabelos brancos! Ele não vale nada”! Em seguida, *disse ao detento*: ____ “Pode ir embora, era só isso”! O detento pediu licença e sem falar nada, se retirou. Ficamos caladas, perplexas com a situação.

Ao longo do estágio no presídio, eu e minhas colegas de grupo adquirimos algumas características no aspecto da percepção. Olhávamos algumas pessoas e desconfiávamos delas. Posso falar por mim, pelas minhas experiências e pelas reflexões que fiz durante e depois do período em que estive em contato com detentos. Quando eu entrava num determinado local do presídio, sentia o “clima” do mesmo. Apreendi a observar os comportamentos e a observar os olhares de detentos e funcionários. Embora o cheiro do presídio fosse muito ruim, com o tempo não incomodava tanto. Costumava olhar para trás e aos lados para ver o que estava acontecendo. O olhar do indivíduo que delinque

é diferente, você percebe! Com o tempo, fomos deixando de ser ingênuas e certamente esta percepção era fruto das nossas experiências com detentos e funcionários. Esta percepção e o costume de olhar para trás e para os lados nunca perdi. Adotei estes costumes enquanto estou andando na rua a pé ou enquanto estou dirigindo meu carro.

No ano de 1998, eu estava numa enorme churrascaria na Avenida Marginal Tietê, em São Paulo, numa confraternização dos colegas de faculdade de meu marido. Havia mais ou menos umas 80 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Os cônjuges dos formandos, assim como eu, ficaram conversando à parte para deixarem os colegas à vontade, pois todos nós nos conhecíamos de outros eventos. Eu estava sentada defronte à entrada da churrascaria e observava o movimento. Entre tantos transeuntes, observei dois homens que entraram e se sentaram numa mesa ao lado da entrada. Seus comportamentos eram muito suspeitos. Cada um deles carregava um saco de papel, parecido com saco de pão. Não conseguia desviar os olhos deles e disse a um dos conhecidos que estavam comigo: ____ “Se eu fosse policial, prendia esses dois!” O meu conhecido me olhou de forma espantada e me perguntou por quê. Eu expliquei que o comportamento inquieto, os olhares por cima dos ombros e em volta, o saquinho de pão, a minha percepção me informava de alguma coisa que eu não sabia explicar. O meu conhecido ouviu, mas não deu importância. Só que eu fiquei “ligada” neles. A certa altura, antes de pagarem a conta, pegaram as armas nos saquinhos de pão, ao mesmo tempo em que mais seis ladrões entraram no restaurante, todos

armados, numa ação orquestrada, anunciando o assalto. Em poucos minutos, roubaram o que conseguiram carregar e foram embora, causando verdadeiro pânico nas crianças e nos presentes. O meu conhecido correu até a minha presença, ofegante, e disse: ____ “Você sabe que eu achei que você estava pirando?” “Mas você tinha razão!” “Que radar é esse?”

Radar... Não sei se esta é a palavra para algo inominável! Porém, se eu estiver atenta, algo no meu cérebro “liga” e dá um alarme. É uma percepção do que nem sei o que é!

Com referência ao artigo 157, dentre muitas histórias mirabolantes e fatos reais, ouvimos muitas histórias engraçadas. Havia um detento com o qual eu sempre conversava. Vou chamá-lo de “D”. Adoro esta história!

“D”. encontrou um jeito de roubar facilmente. Foi roubando Kombis da Souza Cruz que arrecadou muito dinheiro. Disse que certa vez passou um mês no Guarujá com a esposa e os quatro filhos, só gastando dinheiro. Ele havia observado que o automóvel da Souza Cruz transitava em dias e horários com o mesmo motorista em determinados pontos da cidade. Escolheu um ponto estratégico, no cruzamento das Ruas Belém e Visconde de Parnaíba, no bairro do Belém, em São Paulo, onde havia um poste e uma valeta. O motorista da Souza Cruz tinha que reduzir a velocidade para passar na valeta. D. ficava atrás do poste e quando o carro reduzia a velocidade, assaltava o motorista com a arma encostada em sua cabeça. Com o tempo, sempre roubando no mesmo lugar e o mesmo motorista, ele nem mostrava mais a arma, pois viraram “amigos”. Entretanto, o motorista já sabendo que seria assaltado

naquele ponto, escondia grande parte do dinheiro nas meias e deixava um resto para dar a “D”. Só que quando ia prestar contas na empresa, computava a quantia toda, a roubada por “D”. e a roubada por ele, que escondia na meia. Enquanto me relatava este assunto, disse o seguinte e apontando: ____ “Está vendo aquele sentenciado ali, de óculos?” “Pois bem, ele era o motorista da Souza Cruz!”

Como relatei no início deste livro, convivemos com pessoas que cometiam delitos dentro e fora das grades. Veja esta história: Num dia comum, fizemos nossos trabalhos dentro do presídio e, quando saímos, o carro da Ivete estava trancado com a chave na ignição (naquele tempo, se a chave do carro fosse esquecida na ignição após o travamento das portas, era um problema...). Ficamos muito tempo no estacionamento tentando passar um arame pela janela do carro para puxar a trava, mas não conseguíamos. Pois bem, um investigador que iria pegar seu carro também no estacionamento nos viu aflitas. Ele olhou, pediu a chave do meu carro, que era de outra marca, introduziu-a na fechadura do carro da Ivete e imediatamente o abriu... Realmente ele tinha muita “prática”.

11 – O Seguro, A Isolada e o Setor Psiquiátrico

Com a nossa proposta de conhecer todas as dependências citadas pelos detentos, faltava o Pavilhão 5, que à época, antes da inauguração dos Pavilhões 4 e 8, era o Pavilhão mais seguro do presídio, onde se localizavam o amarelo, a isolada, a Central Médica e a Central de Psiquiatria.

O Chefe de Disciplina do pavilhão 5 não nos deixou entrar por mais que tivéssemos insistido. Disse que se nem as visitas entravam, por que nós deveríamos entrar? Ele alegou que na área psiquiátrica os detentos permaneciam nus e sozinhos, pois poderiam usar as roupas para se enforcar. Disse, também, que os detentos “loucos” (sic) e/ou doentes mentais não tinham tratamento medicamentoso, porque a verba destinada a isso não existia mais, e que a maioria deles constituía-se de esquizofrênicos muito agressivos e poderiam nos atacar.

Muitos detentos que não tinham advogados procuravam amenizar suas penas ou pedir transferências para prisões-albergues, agrícolas ou Manicômio Judiciário, estudando o Código Penal e preparando processos que só dependiam da assinatura do juiz. Alguns simulavam “ataques de histeria”, crises epiléticas, Síndrome de Ganser (uma simulação de transtorno dissociativo com sintomas psiquiátricos severos, exuberantes e inusitados) e outros comportamentos anormais, simulando insanidade mental para conseguirem transferência para o Manicômio Judiciário, pois achavam que lá seria uma ponte mais fácil para conseguirem liberdade mais

rapidamente. Porém, o que diziam era que uma vez no “Manico” (Manicômio Judiciário), não haveria caminho de saída. Parece que lá não havia tratamentos médicos e conseqüentemente não havia detentos em alta médica, daí a dificuldade em se obter uma vaga na instituição.

Os funcionários e enfermeiros adquiriam um “olho clínico” com o passar do tempo para enfrentarem as crises dos detentos, disse um detento-enfermeiro. Para saberem se o indivíduo era “louco”, davam dinheiro para ele rasgar, porque diziam eles, “quem rasga dinheiro só pode ser louco”.

Era voz corrente no presídio a “época de lua cheia”. Diziam que por influência dos astros e da lua, os detentos ficavam mais excitados, nervosos e ansiosos, principalmente no mês de agosto.

Havia no Pavilhão 5 instalações para detentos com doenças infectocontagiosas, tais como a tuberculose e outras. Também não conseguimos conhecer o local. Neste pavilhão encontravam-se as “isoladas” ou xadrezes chamados de “amarelo”, porque o detento não saía nunca nem para tomar sol (e ficava com a pele amarelada). Servia para detentos ameaçados de morte iminente ou como castigo.

Não havia funcionários capacitados formalmente para trabalharem como enfermeiros no Pavilhão 5. Os ditos enfermeiros eram detentos que foram instruídos para cuidarem dos doentes. O psiquiatra só comparecia ao presídio uma vez por semana.

Devo ressaltar aqui que em conversa informal com a Psicóloga do Instituto de Biotipologia à época, ela disse que pela sua experiência ao lidar com os detentos da Casa de Detenção de São Paulo, via que muitos

tinham nível intelectual rebaixado, eram psicopatas e apresentavam falta de cultura, pois eram frutos de lares desestruturados, talvez miseráveis.

12 – O Dia de Visita

O domingo costumava ser o dia de visita aos detentos. Logo no início da manhã, formava-se uma interminável fila constituída na sua maioria de mulheres e crianças defronte à Casa de Detenção de São Paulo. Todos precisavam passar pela revista. As pessoas carregavam muitas sacolas com alimentos e outros gêneros de víveres aos detentos. A revista era muito importante, porque muitos visitantes carregavam tóxicos, dinheiro e cigarros em seus corpos e dentro dos alimentos. Na lista dos objetos encontrados estavam os seguintes: revólveres, facas, estiletes, canivetes, todos os tipos de tóxicos, etc. Eram encontrados em bolos, roupas, ataduras e curativos e gessos falsos, guarda-chuvas, canetas, etc. A revista para as mulheres costumava ser mais rigorosa porque estas escondiam objetos debaixo dos cabelos ou perucas, dentro de saltos de sapatos, ânus e vagina. Mas a revista para os homens também era rigorosa, porque os homens também escondiam objetos em quaisquer orifícios do corpo: nariz, orelha, ânus e garganta. Normalmente não era permitido às mulheres entrarem com calças compridas, saltos muito altos, botas, vestidos forrados, perucas, gorros, lenços na cabeça, etc.

Sabia-se que neste processo não havia controle absoluto, havendo principalmente a corrupção de alguns funcionários que deixavam passar objetos na revista. Levando-se em consideração que o número de

visitantes aos domingos passava das 7.000 pessoas, não havia modo seguro de conter a corrupção.

Os detentos preparavam previamente um local no pátio onde seus visitantes iriam ficar e colocavam bancos para sentarem todos os familiares juntos ou improvisavam mesas com toalhas para fazerem refeições. Os visitantes comiam com as mãos, porque às vezes não eram permitidos talheres.

Nos dias de visita não era permitido entrar nos pavilhões. Os guardas de presídio faziam guarda às portas dos pavilhões para prevenirem invasões ou encontros íntimos, pois as visitas íntimas eram proibidas àquela época.

Certa vez, a esposa de um detento foi descoberta num xadrez três dias depois do dia de visitas. O detento pegou como castigo trinta dias de cela-forte.

Um funcionário nos contou que num dia de visita observou que vários detentos estavam sentados muito juntos e apertados, em atitude estranha, sobre um banco de madeira coberto por um lençol que ia até o chão. Quando o funcionário se aproximou, os detentos saíram correndo, misturando-se às pessoas que estavam no pátio e se dispersaram. O funcionário levantou o lençol que cobria o banco até o chão e surpreendeu um casal tendo relações sexuais debaixo do banco. Tratava-se de uma prostituta e de um detento. Os detentos que estavam sentados no banco estavam esperando a sua vez.

Às 16h00min encerrava-se o tempo permitido para as visitas permanecerem no presídio e para os detentos permanecerem no pátio. As despedidas eram comoventes.

Para os detentos, esse dia era sagrado e a proibição de receber visitas era um castigo comumente aplicado pelos Chefes de Disciplina (castigo muito temido pelos detentos, pois eles esperavam muito ansiosamente pelo dia de visitas).

Como castigo, além da suspensão das visitas, havia a cela-forte, já mencionada, que poderia durar de 30 a 60 dias, a triagem (local fechado, mas maior, para quem cometia faltas mais leves) e as isoladas ou amarelo, de onde o detento não podia sair. Geralmente a punição mais dura, que era a cela-forte, era aplicada em caso de faltas graves.

Numa ocasião chegamos à subchefia de disciplina e as paredes estavam marcadas por pauladas e por manchas grandes de sangue. O subchefe tinha em seu poder um cano de ferro, o vimos várias vezes, mas no dia anterior, um laranja (delator) o avisou que um detento escondia uma arma. O detento delatado foi atrás do laranja na sala da subchefia de disciplina para matá-lo. Houve uma grande briga e o subchefe apreendeu uma arma feita de uma enorme barra de madeira maciça, cuja parte superior continha várias fileiras de pontas grandes de pregos. Também vimos dois estiletes com sangue pingando. Certamente este foi um motivo para levar o detento à cela-forte. Numa rebelião posterior, este subchefe foi pego como refém e foi assassinado.

13 – Religião

13 – Religião

O exercício de uma religião dentro do presídio era uma atividade muito importante para muitos detentos. Para alguns, era uma oportunidade para sair do xadrez, mas para a maioria deles, era uma forma de melhorar espiritualmente seu dia a dia.

Não era raro passarmos por um local onde um grupo de detentos estava fazendo despachos ao som dos atabaques e ao cheiro de incensos em pleno corredor de um pavilhão, ao mesmo tempo em que um capelão rezava uma missa ao lado. Como não havia ruas com cruzamentos para os detentos fazerem os despachos, eles utilizavam os cruzamentos dos corredores para isso. Sempre havia velas acesas nestes locais.

Muitos detentos usavam amuletos, colares protetores, anéis de ossos, dentes de animais, cruzes e figuras de santos pendurados em correntes ou cordões. O próprio Coronel Guedes tinha um amuleto sobre sua mesa enrolado por um cordão de contas coloridas.

Nas salas dos subchefes de disciplina sempre havia livros de Allan Kardec e Chico Xavier, bem como de Parapsicologia e Ciências Ocultas.

Conhecemos um local destinado à Igreja Católica, outro à Igreja Evangélica e outro à Tenda de Umbanda. Nos dois primeiros, nenhuma novidade, havia um local destinado ao altar, com uma mesa forrada com toalha de renda branca e bancos ou cadeiras para os detentos sentarem.

Já a Tenda de Umbanda era muito peculiar. A sala era dividida em 2 setores: o Bem e o Mal. No lado do

Bem, sobre uma mesa forrada com toalha branca, havia imagens de vários tamanhos, divindades próprias à religião. Também havia oferendas diversas expostas na mesa e no chão. Entre as oferendas, havia perfumes, flores, pipoca, velas brancas e azuis claras e plantas. A parede ao fundo era pintada de azul, como se fosse um céu, com nuvens branquinhas. O conjunto todo ocupava uma boa extensão do lado direito de quem entrava.

O lado esquerdo era o Mal. Havia demônios, figuras de animais destorcidos, aberrantes, imagens próprias da religião, tudo muito escuro. Como oferendas, havia galinhas estripadas envoltas numa grande poça de sangue, alimentos putrefatos em cumbucas sendo visitados por vários ratos e baratas e velas vermelhas e pretas acesas em grande quantidade.

Ao centro, havia uma passagem livre.

Embora fisicamente não tenhamos visto um local exclusivo para a prática do Espiritismo, havia um número muito significativo de detentos que o seguiam e o praticavam.

Era voz corrente no presídio que muitos detentos ouviam barulho de correntes sendo arrastadas, gritos de horror, vozes que diziam ser de almas penadas, etc. Também viam vultos.

14 – Os Diferentes

Durante um evento, enquanto os detentos estavam no campo de futebol, começou um barulho de muitos deles assobiando, dando gritos, fazendo furor e apontando para uma escada, na qual havia um detento vestindo uma mini-blusa, uma calça pescador, curtinha, uma bolsa de palha pendurada num dos ombros, chapéu também de palha com abas largas e bijuterias. O Coronel o viu e mandou um funcionário atrás dele para tirar-lhe aquelas roupas e objetos. Acabando o evento, o nosso grupo se dirigiu ao Pavilhão 6 e, na Chefia de Disciplina, estava o tal detento, apoiando a cabeça entre os braços numa mesa, chorando muito. Pedi ao Coronel para conversar com ele, porque queria aprender um pouco. Fiquei umas 2 horas conversando com ele.

Tinha uma gargantilha com seu nome feminino escrito, mas vou chamá-lo de S. Ele não tinha um fio de barba, nem pelos nos braços. Sua voz não era nem feminina, nem masculina. Seu gestual não era forçado, era feminino. Tinha 18 anos e havia sido preso por pederastia e furto, sendo a sua pena um total de 1 ano e 5 meses. Posso dizer pela experiência que não estava defronte a um homem... Nem a uma mulher! Foi expulso de casa pelos pais aos 12 anos e desde então ganhava a vida se prostituindo e furtando. Disse que tinha um marido no presídio, mas que estava brigado com ele porque havia se apaixonado por outro detento. Também relatou que sofria humilhações, porque queria se vestir como mulher e também usar maquiagem, pois se sentia uma mulher e queria ser tratado como tal.

Saí do presídio já com os holofotes acesos e o Bonde chegando... E a cabeça a mil. Lembrei-me de muitos outros detentos vestidos com trajes femininos numa visita num dos pavilhões.

No seu livro "**Travestis e Prisões**", **Guilherme Gomes Ferreira** traça um panorama muito interessante sobre o assunto.

Era muito comum ouvir falar que alguns detentos eram prostitutas e pederastas. Muitos homens tinham relações sexuais com outros homens, sendo que o que tomava o papel de esposa tinha xadrez e sustento garantidos pelo marido, não tendo contato com outros detentos. A esposa lavava as roupas do marido e limpava o xadrez.

Também se falava muito naqueles que se prostituíam em troca de dinheiro, drogas e cigarros.

Recentemente o **Conselho Federal de Psicologia** divulgou alguns conceitos que compartilho agora com o leitor:

Orientação Sexual: consiste no direcionamento do desejo afetivo-sexual que pode ser por pessoas do mesmo sexo ou não, ou ainda por ambos. É ela que define se a pessoa é heterossexual, lésbica, gay ou bissexual.

Identidade de Gênero: refere-se à experiência interna e individual do gênero de cada pessoa (masculino e feminino), que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo e outras expressões de gênero.

Isto eu deixo para o leitor pensar! Será que este detento estava no local certo?

15 – A Muralha

Ao longo de toda a Casa de Detenção de São Paulo havia uma muralha muito larga, espessa e muito alta. Dizem que media nove metros de altura, reforçada por inúmeros pilares de sustentação. Sobre ela havia um caminho confortável para a sentinela andar e as laterais eram protegidas com corrimões de ferro. Em pontos estratégicos, havia guaritas, onde as sentinelas podiam se proteger do sol e da chuva. As sentinelas eram soldados da Polícia Militar, armados com metralhadoras. Eles faziam ronda ao longo da muralha dia e noite.

Havia um clima muito ruim entre os guardas da muralha e os detentos. Era muito comum ouvirmos xingamentos tanto dos detentos para os guardas como dos guardas para os detentos. Ambos os lados diziam palavrões e frases que demonstravam rivalidade. Se um detento estava com problemas e era conduzido por um funcionário pelo pátio, os guardas gritavam: ____ *"Vai aí, ladrão!"* E como o detento não podia responder, certamente seu ódio pelos guardas seria adiado para outro momento em que ele poderia gritar sem ser identificado ou sofrer castigos. Do alto da muralha viam-se os detentos às janelas dos corredores, mas eram muitas janelas e estas estavam longe, dificultando a identificação de quem gritava contra os guardas.

Numa ocasião em que estávamos tirando fotos do presídio, pedimos ao Coronel para subirmos à muralha. Ele imediatamente consentiu. Naquela época, a nossa colega de grupo, a Ivete, estava grávida de 8 meses e

também quis andar pela muralha. Quando nós aparecemos no alto, houve um furor. Os detentos gritavam palavras contra os guardas, ofendendo-os porque nós estávamos perto dos guardas e não deles. Também ouvimos muitos palavrões, mas não eram para nós. Parecia um tipo de ciúmes.

A visão do alto da muralha era total. De lá, era possível ver as divisões dos pavilhões, seus portões, os funcionários, os detentos e tudo o que havia do lado de dentro e do lado de fora.

Certamente uma tentativa de fuga teria que ser muito ardilosa para poder furar o cerco das sentinelas. Creio que em dia de visitas a missão das sentinelas era muito difícil, pois como já citei, entravam ao presídio cerca de 7.000 pessoas e lá permaneciam por horas. Houve casos que nos contaram sobre detentos que se disfarçavam com roupas trazidas pelas visitas para tentarem burlar a segurança e sair pela porta da frente. Nunca nos disseram que alguém tenha conseguido tal façanha.

Um símbolo da Casa de Detenção mostrava de longe a sua presença: a imensa caixa d'água que abastecia o presídio. Era um marco.

16 – O Dinheiro

Uma das regras do presídio era a de que os detentos não podiam ser encontrados em posse de dinheiro em espécie. Um dos castigos era a cela-forte. Só que não era bem assim. Havia determinados detentos que carregavam bolos de dinheiro em seus bolsos das camisas, bem à vista. Os chefes de disciplina faziam vista grossa: ali certamente havia um jogo de poder do qual o funcionário participava.

Por ocasião da nossa formatura, vendemos todos os convites da nossa festa numa discoteca para os detentos em dinheiro vivo. Obviamente eles não iriam comparecer à festa, mas compraram os convites sem titubear! Também a Ivete vendeu todo um talão de uma rifa da escola de seu filho.

O comércio de víveres, produtos de perfumaria, comida, xadrez ou drogas era às vezes aberto a quem quisesse ver (digo: funcionários). Um dos detentos que comprou convites era um chefe de tráfico. Naquela época, ele tinha bolos de “Barão” no bolso da camisa. Acho que nunca havia visto tanto dinheiro em espécie. A nota que valia mais era o “Barão” e ele tinha muitas!

O castigo era aplicado de acordo com o que o funcionário interpretava como falta, bem como a quantidade de dias do castigo, mas o jogo de privilégios era o que comandava. Aqui cabe o famoso ditado; “A ocasião, faz o ladrão!”

Epílogo

A maturidade, em 1979 era pouca ainda, mas já existia. Terminamos nosso TCC e tiramos nota máxima, o que nos encheu de orgulho. Após aproximadamente 5 anos de trabalhos na Casa de Detenção e após 5 anos de curso de Psicologia, começávamos a etapa posterior, que era arrumar um emprego. Cada uma do grupo seguiu sua vida, com sua família, com suas chances em raras oportunidades. Emprego para Psicólogo não era e não é coisa fácil.

Iniciei um trabalho numa clínica, a convite da Sílvia, à qual agradeço muito e comecei a me acostumar com uma nova realidade, que era administrar meu tempo, aprender a trabalhar em equipe e exercer a minha tão sonhada Psicologia Clínica. Mas as coisas não estavam muito fáceis e encontrei muitos obstáculos, o que me impossibilitou de exercer meu cargo na plenitude. Não concordei com algumas atitudes aéticas da dona da clínica e pedi demissão.

Este foi um estopim para pensar melhor, isto é, seria aquela a Psicologia Clínica que eu queria? A resposta foi um não! Um grande não! Eu só poderia exercer a Psicologia Clínica como eu queria se eu montasse meu próprio consultório. Com a ajuda do meu marido (éramos recém-casados), montei meu consultório e foi com ele que pus meus sonhos em prática. A vida seguiu. Mas os ganhos eram muito pequenos, pois mal dava para pagar meu aluguel! Foi nesta época (creio que em 1982) que surgiu um concurso para Psicólogos na Penitenciária de São Paulo. Se eu ganhasse mais, não precisaria me preocupar com

as despesas do consultório e o trabalho em presídios era um velho conhecido. Por que não juntar o útil ao agradável?

Fizemos o concurso eu e a Ivete. A Sílvia e a Marta não quiseram fazê-lo. A Ivete, a mais inteligente do grupo pegou primeiro lugar. Eu peguei o oitavo. Estávamos preparando nossos documentos para assumirmos nossos cargos e precisávamos comprovar nossa experiência no Sistema Penitenciário. Foi aí que eu tive que voltar à Casa de Detenção algum tempo depois.

Ao entrar no estacionamento do presídio, havia muitas modificações. O funcionário que abria o primeiro portão não era mais o mesmo e tive que “suar” para lhe explicar que precisava falar com o Diretor. Vencido este obstáculo, e já dentro da Administração, comecei a sentir os cheiros típicos e a ouvir os sons de chaves e fechaduras. Não me senti bem. Estranhei meus sentimentos! Fui me dirigindo à Diretoria e tudo estava diferente: os espaços, agora divididos por divisórias, muitas portas e, ao final do corredor, uma placa onde se lia “Diretoria”. Ela não estava lá antes! Dirigi-me até lá ansiosa para contar ao Coronel Guedes sobre o nosso sucesso no TCC e para entregar-lhe uma cópia. Para minha surpresa, Luizão havia assumido a Diretoria Geral, o Coronel Guedes já não estava mais lá. Luizão mostrou-se muito gentil e me concedeu o certificado. Muitas coisas haviam mudado e senti que eu também tinha mudado. Já não achava divertido estar lá. Havia acabado o encantamento. Senti um alívio ao ouvir que os portões, cadeados e o cheiro ficaram para trás.

Apesar disto, levei adiante minha entrada como Psicóloga na Penitenciária. Entre a publicação dos

resultados do concurso no Diário Oficial do Estado de São Paulo e a publicação da data que eu assumiria meu cargo, passou-se um período de aproximadamente quatro anos. Continuei trabalhando no meu consultório durante o mesmo período. Estava feliz.

Chegou o dia de assumir o cargo. Eu fiquei muito ansiosa, pois minha vida iria mudar muito a partir daquele momento. No percurso entre minha moradia e a penitenciária, muitas coisas passaram pela minha cabeça, mas o principal era que eu não tinha mais vontade de trabalhar em presídio. Porém, fui adiante, porque teria que vivenciar um pouco a situação para tomar minha decisão.

Os dias que se seguiram não foram nada fáceis. Todos os horários mudaram, pois trabalhar em dois empregos é exaustivo para qualquer pessoa. Imagine, então, para quem trabalha num presídio! Eu não gostava do lugar, a equipe que estava assumindo não aceitava minha experiência anterior no Sistema. Propunham intervenções e discussões absurdas e eu não podia falar nada. Eram mais ou menos 30 pessoas de várias profissões. Pedi, então, transferência para o setor de laudos, que eu deveria montar. Transferi-me para uma sala onde eu tomava as decisões, comprava material específico para avaliações psicológicas e pensava que seria mais feliz, porque lá eu ia exercer o diagnóstico clínico dos detentos, estaria no campo da Psicologia Clínica.

Eu disse bem. Eu pensava que seria mais feliz, mas não me sentia feliz. Eu havia mudado muito! Ficava sozinha numa sala ao fundo do corredor. Olhava pela janela e pela porta e só via grades! Grades, telhados e pombos! Um silêncio absoluto quebrado às vezes por

gritos de certos detentos e pelo farfalhar de asas e arrulhos dos pombos. Chegava a me assustar! Vivia apreensiva! Qualquer outro som também me assustava! Comecei a me sentir presa! Eu nunca havia me sentido assim! Pensava que onde eu estava, seria alvo fácil numa rebelião. (Como a Casa de Detenção não foi construída nos padrões de Regime Fechado, não se tinha a sensação de estar preso, não havia tantas grades). Então, iniciei estratégias de fuga nos meus pensamentos, comecei a pensar em fazer uns códigos com quem poderia me ajudar numa situação de perigo. Eu não tinha nem telefone na minha sala! (Não existiam aparelhos celulares). Aquilo tudo me provocou muita ansiedade! Eu tinha um filho pequeno que ficava com uma ajudante. Isto me preocupava muito! Presos não são santos, presos são criminosos! Sei do que um preso é capaz! E lá naquela situação, onde me via sozinha à mercê sabe-se lá do quê, percebi que teria que tomar uma decisão, mas ainda queria tentar trabalhar mais um pouco para ter certeza dos meus atos e sentimentos.

Fui convidada a fazer uma visita guiada ao presídio pelo meu chefe, junto com a equipe de reabilitação nova. Eu já conhecia essa história, eram lugares onde as visitas todas eram sempre levadas. Chegamos todos ao que seria o "Fundão" da Penitenciária, no terceiro andar do último Pavilhão, na última sala do corredor. O silêncio era amedrontador! A equipe toda entrou com dois Guardas de Presídio. Como já disse antes, tinha o costume de analisar onde estava, o que estava atrás, ao lado, o "clima" do lugar e o olhar dos detentos. Estávamos num grande salão onde funcionava uma Marcenaria. Logo que entramos, um grande portão de

ferro maciço se fechou atrás de nós. Estávamos todos presos, nós, os técnicos, e os detentos, muitos detentos! Não gostei do lugar. Não gostei do comportamento dos detentos. Eles se entreolhavam. Fiquei num canto onde podia ver tudo. Observei os comportamentos dos técnicos novatos, que haviam entrado no mesmo concurso que eu prestei. As reações deles eram de curiosidade e admiração. Eu os compreendi, afinal, eu também reagia com admiração e despreocupação no início do estágio na Casa de Detenção!

Virei para o lado e falei ao meu chefe: ____ “Você percebeu que estamos todos presos aqui?” “E se resolverem nos pegar como reféns?” E ele respondeu: ____ “Nesse dia, eu não quero estar aqui!” (Alguns meses mais tarde, houve uma grande rebelião iniciada nesta marcenaria).

Certo dia, o meu chefe passou na minha sala e falou que a cadeia estava interditada, isto é, ninguém podia entrar ou sair. Os pavilhões estavam trancados e não havia telefones funcionando. Eu não podia saber como estava o meu filho e a ajudante tinha horário para sair. Não havia a quem recorrer! Logo se apagou a luz de todo o presídio e ativou-se um alarme. Os detentos haviam tomado a casa de força e estavam ameaçando um funcionário com estiletes. Todos, sem exceção, presos e funcionários, passaram o dia no escuro, pois estava nublado e frio. Ninguém podia ir embora. Foram horas e mais horas de negociação! Só pensava que não queria deixar o meu filho sem mãe! Foi naquele dia que tomei minha decisão.

Após alguns meses trabalhando como Psicóloga concursada na Penitenciária do Estado, pedi

exoneração do meu cargo, para espanto de todos, principalmente dos meus familiares e colegas, para nunca mais voltar ao Sistema Penitenciário. Não quis nem pedir licença ou transferência para outra Secretaria. Desliguei-me totalmente do Serviço Público. Não era aquela vida que eu queria! Não suportei ficar presa! Queria liberdade! Aquela pressão e aquela tensão que se sente em cadeias são reais e absolutas!

No dia que saí com a exoneração em mãos, nem olhei para trás. Fui caminhando lentamente para fora, ouvindo o barulho de portões gigantescos abrindo e rangendo, cadeados sendo destrancados e depois trancados, fechaduras e chaves, gritos de presos e os pombos. Fui sentindo o cheiro de cadeia cada vez mais ao longe, até ele desaparecer, assim como os sons do presídio. Entrei no meu carro, aos poucos fui chegando à rua e me senti livre como talvez nunca tenha me sentido! O barulho do tráfego e a música do rádio do meu carro me distraíram. A angústia tinha acabado!

Continuei com o consultório, meu sonho, para nunca mais pisar num presídio! Com o tempo, fiquei ciente de que havia tomado a decisão certa!

Precisei de toda uma trajetória, muita maturidade e de muita introspecção para não titubear na minha decisão. Hoje sei que o período que frequentei a Casa de Detenção foi apenas uma fase da minha vida e da minha carreira. Eu não precisei trabalhar muito na Penitenciária para saber que lá eu não queria trabalhar. Queria esquecer que um dia lá trabalhei.

Com respeito à Casa de Detenção de São Paulo, esse período ficou muito vivo na minha memória e as lembranças não me causam mal-estar!

Sentia que precisava contar minhas lembranças a alguém, precisava fazer uma catarse e deixar espaço para outros interesses! Mas as histórias eram muitas! Quem iria querer me ouvir contar histórias por horas a fio? Por isto, resolvi escrever este livro. Deve haver pessoas interessadas nelas!

Notas Finais

“As meninas” ao longo do tempo foram tomando caminhos totalmente diferentes umas das outras, mas com laços indissolúveis que seguirão pelo resto de nossas vidas. Embora não nos encontremos frequentemente, cada uma sabe onde as outras estão. Vivemos juntas por cinco anos muito intensos, estagiamos juntas, estudamos juntas, trabalhamos juntas, passamos várias e várias noites estudando para as provas e fazendo os trabalhos, cada noite na casa de uma do grupo, junto com as nossas famílias, pois um curso de Psicologia requer muito estudo e dedicação. Repartimos alegrias e tristezas, conquistamos algumas coisas e perdemos outras, mas nossos laços serão eternos.

Sou madrinha da filha mais velha da Ivete, o que me orgulha muito. Sou, também, madrinha de casamento da Sílvia, o que também me deixa muito feliz. Cada uma vivenciou os namoros, noivados e casamentos das outras, além de compartilhar momentos da maternidade de todas. Algumas agora já são avós! Mas todas ainda teem as lembranças de um quarteto imbatível! Quando nos encontramos, há códigos que só nós sabemos e que só teem graça entre nós. As **“meninas do Coronel”** serão sempre **“as meninas”**. Pelo resto de nossas vidas!

“As meninas” hoje:

- **Ivete** ainda trabalha no Sistema Penitenciário. Logo que assumiu sua vaga obtida no concurso de 1982, foi convidada a ser Diretora. Hoje exerce o cargo de Diretora Técnica III da Penitenciária Feminina da

Capital do Estado de São Paulo. Fez Pós-Graduação em Criminologia.

- **Marta** iniciou sua carreira em consultório, mas seguiu a carreira do Magistério. Fez Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Psicologia Jurídica e Psicopedagogia. Dá aulas em Universidade há 32 anos em Psicologia Escolar, Necessidades Especiais e Psicologia Jurídica, além de aulas teóricas em Avaliações Psicológica e Escolar.

- **Sílvia** trabalhou 36 anos como Psicóloga Clínica em consultório particular. Fez Pós-Graduação em Terapia Familiar e Terapia de Casais. Fez muitos congressos, simpósios e cursos de atualização. No momento, está vivendo a sua aposentadoria.

- **Eu** trabalho há 42 anos em Consultório Particular e trabalhei 17 anos no Diagnóstico da Dislexia e de outros Transtornos e Distúrbios da Aprendizagem na Associação Brasileira de Dislexia, concomitantemente ao consultório. Sou Especialista em Psicologia Clínica, Neuropsicologia, Distúrbios e Transtornos da Aprendizagem, Autismo e Terapia Cognitivo-Comportamental. Fiz muitos cursos, congressos e simpósios de atualização. Trabalho com crianças, adolescentes, adultos e idosos.

Estudei muito e trabalhei muito para chegar até aqui, mas pretendo estudar mais. O aprendizado não tem idade, é um continuum na vida.

Quanto ao interesse pelos assuntos do Sistema Penitenciário, este prossegue, mas apenas como interesse. Acompanhei as rebeliões no Sistema, principalmente o famoso "massacre dos 111". No dia do massacre, eu estava trabalhando no meu consultório que era situado perto da Casa de Detenção

e vi a rebelião da varanda do mesmo. Ouvi horas de rajadas de metralhadoras, vi pessoas nos telhados do presídio e na muralha. Fiquei apreensiva. Eu morava num apartamento em frente ao Hospital do Mandaqui, onde os detentos feridos eram levados. Foi uma noite inteira ouvindo sirenes de ambulâncias. Acompanhei tudo pela TV e comprei jornais e revistas à época. Eu os tenho guardados até hoje, juntos ao meu TCC. Quando a Casa de Detenção foi desativada, fui até o local e tirei uma foto, pois para mim era um momento histórico. Quando foi implodida, também acompanhei pela TV. Assisti a vários filmes disponíveis no Youtube, consultei sites, comprei e-books e livros de papel para escrever este livro. Confesso que todas estas tarefas me foram agradáveis, apesar do assunto ser tão pesado!

De acordo com as consultas bibliográficas que fiz, apesar de tantos presídios novos construídos pelos sucessivos governos do Estado de São Paulo, os presídios já estão superlotados e obsoletos. Os problemas continuam os mesmos! No e-book **"A Realidade do Sistema Carcerário Brasileiro", de Benigno Nuñez Novo (2017)**, há alusões à falta de infraestrutura e de descaso dos governantes, pois as prisões brasileiras teem se transformado em verdadeiras "escolas do crime" Já vi isso antes!

Como mencionei antes, meu interesse pelo assunto Sistema Penitenciário continua, porém, quanto a trabalhar em presídio, eu estava certa, meu caminho era outro! Aquele que decidi aos 12 anos de idade!

Para comentários, acesse: tvp.oliani@gmail.com

www.taniapsiconeuro.com

Bibliografia

- 1- Prisões numa abordagem Interdisciplinar -** *Maria Thereza Ávila Dantas Coelho e Milton Júlio de Carvalho Filho (2012)*
- 2- A Prisão – Histórias dos homens que vivem no maior presídio do mundo –** *Percival de Souza (1974)*
- 3- Prisão e Liberdade –** *Ana Flávia Messa (2013)*
- 4- Travestis e Prisões –** *Guilherme Gomes Ferreira (2015)*
- 5- Vigiar e Punir – Nascimento da Prisão –** *Michel Foucault (2014)*
- 6- Sistema Prisional Brasileiro – Crise e Implicações na Pessoa do Condenado –** *Andrezza Alves Medeiros*
- 7- Manicômios, Prisões e Conventos –** *Erwing Goffman – resenha 2001*
- 8- Estigma –** *Erving Goffman – resenha 2017*
- 9- Jornal O Estado de São Paulo – “Quadrilhas controlam Casa de Detenção” -** *setor Cidades – por Renato Lombardi (11/10/1992)*
- 10- Revista Veja – “Vida no meio do Caos” –** *pág. 29 – 14/10/1992*
- 11- O lazer e o Presídio: Paradoxos –** *Marco Bettine, Semiramis Chicareli, Debora Cidro (2019)*
- 12- A Realidade do Sistema Carcerário Brasileiro –** *Benigno Nuñez Novo (2017)*
- 13- Manicômio Judiciário (Psicologia e Saúde Mental) –** *Elza Ibrahim (2014)*
- 14- História das Prisões no Brasil II –** *Clarissa Nunes Maia, Marcos Paulo Pedrosa Costa, Marcos Luiz Bretas, Flavio de Sá Neto (2017)*
- 15- Holocausto Brasileiro –** *Daniela Arbex (2019)*

- 16- **Sociologias** número 11 – Porto Alegre – Jan/June 2004 – *resenha Print version- review of the work As prisões em São Paulo (1822-1940) – Salla, Fernando – São Paulo: Annablume / Fapesp, 1999 – por Luiz Antonio Bogo Chies*
- 17- **O Sistema Prisional Brasileiro dos Anos 70, o de 2018 e a certeza de que nada mudou – PONTE – ponte.org – por Josmar Jozino e Maria Tereza Cruz (2709/18)**
- 18- **Pt.wikipedia.org/wiki/Casa_de_Detenção_de_São_Paulo**
- 19- **Saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/espaco-memoria-carandiru-e-inaugurado-na-etec-parque-da-juventude/**
- 20- **G1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/11/10/complexo-penitenciario-do-carandiru-e-tombado-pela-prefeitura-de-sp.ghtml**
- 21- **<https://nev.prp.usp.br/noticias/os-cem-anos-do-carandiru>**
- 22- **Pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Penitenciario_Paulista**
- 23- **Cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5"O AI-5"**
- 24- **Pt.wikipedia.org/wiki/Sindrome_de_Ganser**
- 25- **[https://revistaliberdades.org.br\(site\)](https://revistaliberdades.org.br(site))**
- 26- **Sociologiajuridica.net – A Penitenciária do estado:– número 01- Julho/Dez 2005 (baseado na tese de José Eduardo Azevedo)**
- 27- **www2. Camara.leg.br** Década de 70 – Portal da Câmara dos Deputados
- 28- **memoriasdaditadura.org.br - Memórias da Ditadura.org.br – dignificação do Sistema Prisional**
- 29- **www.cfp.com.br – Conselho Federal de Psicologia**

Documentários

- 1- DVD-TV-Carandiru, A Caldeira do Diabo – Status video**
- 2- Vem Comigo – Goulart de Andrade (07/01/2013)**
- 3- Desativação do Carandiru – ENG 9 Produções- (2002)**
- 4- Deus e o Diabo em Cima da Muralha – Dráuzio Varella**
- 5- Globo Repórter – Carandiru (1999)**
- 6- Museu Penitenciário no Carandiru mostra a vida na cadeia**
- 7- Carandiru – Escuro Sujo**
- 8- Dois lados de um só lugar – Reportagem Especial - Parte 5- Histórias 2 – realizado por Henrique Vasco, Pedro Garcia e João Ricardo**
- 9- A vida na cadeia – Jornal do SBT**
- 10- Museu Penitenciário do Carandiru – Todo Seu (08/08/16)**
- 11- Otávio Mesquita visita o Museu Penitenciário (Okay Pessoal!)**
- 12- Carandiru, as Ruínas do Inferno – Duilio Galli - Youtube**

